

Luís Augusto Chaves da Costa Dias



Roteiro da Imprensa Cultural Juvenil dos Anos Trinta

Anexo a

O «VÉRTICE» DE UMA RENOVAÇÃO CULTURAL

Imprensa periódica na formação
do Neo-Realismo (1930-1945)

Tese de Doutoramento

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
2011

Validade auxiliar e critérios de organização de um roteiro cronológico da imprensa

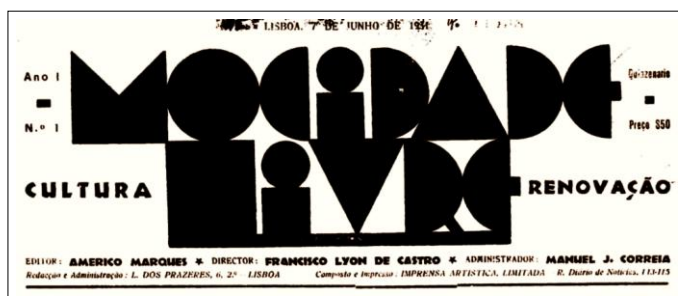
O recenseamento da imprensa que deu forma aos *movimentos culturais dos anos trinta* e cujo processo de evolução carregou, entre 1933 e 1940, as condições de génese do movimento neo-realista, foi um trabalho iniciado em conjunto com António Pedro Pita. A latitude que apresenta agora o conjunto de títulos deste roteiro permite considerar uma mostra, do ponto de vista quantitativo como qualitativo, já muito próxima do quadro histórico de referência, embora o desenvolvimento dado finalmente, em forma de dicionário, ao conjunto de verbetes tenha um sentido instrumental de consulta auxiliar. Não deixa de admitir-se terem circulado ainda outras páginas periódicas, sobretudo para um nível inicial de títulos periódicos anteriores a 1935, não estando ainda instituído o depósito legal que normalizou o registo de publicações; mas também para a criação de suplementos em jornais regionais, inacessíveis nas principais bibliotecas, que terão de esperar estudos parcelares a realizar em âmbito local ou acasos que permitam desenterrar novos objectos.

Dada a natureza auxiliar de que se reveste o presente roteiro, os verbetes dos diversos títulos periódicos procuram restabelecer sobretudo os aspectos meramente descritivos de cada publicação mais que os contextos analíticos a cuja leitura se procede no trabalho de investigação de que este consiste num seu anexo. Os resultados do inquérito assumem a forma de dicionário cronológico, privilegiando a ordem de aparecimento das publicações, pois pareceu importante dar uma percepção do próprio sentido evolutivo do contexto em que emergiram e, por conseguinte, auscultar mais

facilmente o desenvolvimento dos ideários e dos modos de criação literária que as publicações foram veiculando, das estratégias que estabeleceram, tão importantes como as movimentações individuais e dos grupos a que os jovens intelectuais seus colaboradores se foram sucessivamente ligando, numa teia de percursos e relações que um tal roteiro melhor identifica. Para seu manuseamento entendeu-se ainda útil apensar um conjunto de índices alfabéticos finais que, ao mesmo tempo, remetem para as referências no estudo principal.

Em regra, o encabeçamento dos verbetes segue o princípio de relevância dos títulos recenseados, pelo que as páginas ou secções literárias, fora do sentido estritamente biblioteconómico, são aqui encaradas na qualidade de suplementos autónomos (muitos foram-no) dos títulos principais em que na época se inseriram, figurando, pois, em entrada própria. Significa isto que, nalguns casos, existe mais que uma entrada relacionada com um mesmo título periódico principal, correspondendo a diferentes suplementos ou páginas integrados nesse título; mas, ainda, acontece figurar uma entrada pelo título principal da publicação, no caso do conjunto das colaborações juvenis não ter assumido formal personalidade, e outra referente a uma página literária aí já autonomamente criada. Em qualquer caso, procede-se a remissão de consulta (assinalada a negrito) para os títulos correlacionados ao do verbe.

Roteiro Cronológico
da imprensa cultural juvenil dos anos trinta



MOCIDADE LIVRE
Cultura. Renovação

Lisboa 1931

Criado como quinzenário, em 7 de Junho de 1931, sob a direcção de Francisco Lyon de Castro, teve por editor Américo Marques. Reivindicando, ao menos explicitamente, consignas republicanas, colocou-se num postura juvenil de horizontes mais radicais, nomeadamente num dos textos de princípios assinado pelo seu director (n.º 1): «Destruir... para construir em alicerces novos, mais sãos, mais puros, mais cristalinos.» Reconhecendo, porém, que o momento de crise mundial poderia dar mostras da sua superação, manifestava confiança nesta utopia que haveria de tornar-se comum: «A humanidade parecia estar adormecida e que acorda agora sobressaltada com o esplendor duma nova Aurora.»

Mais do que num âmbito estético, as colaborações neste jornal determinam uma natureza propriamente interventiva. Esgotada a distribuição do primeiro número (sem precisar-se, porém, a sua tiragem) e embora o jornal não ultrapassasse o n.º 4, de 30 de Agosto (o anterior tivera edição retardada, porventura por acção da censura, uma vez que os redactores invocavam alheios motivos), na altura em que anunciava estar prestes a entrar em nova «fase de reorganização geral» e apresentava já uma nova roupagem

gráfica – os jovens que promoveram a sua edição vieram a perseverar na constituição, dois anos volvidos, de uma *União Cultural «Mocidade Livre»*.

Estabelecendo, pelo menos então, uma estreita ligação à Universidade Popular Portuguesa, promoveu na sede desta, ao Campo de Ourique, em Lisboa, um conjunto de conferências proferidas por alguns dos seus membros no biénio de 1932-33/1933-34, conforme informação do *Diário* inédito do tesoureiro da U. P. P., Augusto Castro Rodrigues. No seguimento de uma conferência que viria a tornar-se célebre e marcou a reabertura das actividades do grupo «Mocidade Livre» (proferida por Bento de Jesus Caraça, em Abril de 1933, sobre *A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo* e publicada sob a chancela de uns designados «Cadernos de Cultura Vanguardista», criados pelo grupo juvenil), realizaram-se as seguintes conferências, promovidas por essa União Cultural:

TÍTULO	CONFERENTE	DATA	ASSISTENTES
<i>A nova geração e a crise do pensamento contemporâneo</i>	António Sequeira Zilhão	8 Jun. 1933	158
<i>A fisionomia actual da Universidade</i>	Hugo Baptista Ribeiro	29 Jun. 1933	172
<i>Acerca da guerra</i> *	António Sequeira Zilhão	18 Maio 1934	149

* Anunciada com o título de *Manifesto contra a guerra* e inicialmente a cargo de Lyon de Castro.

Neste reaparecimento do grupo Mocidade Livre terão existido relações próximas ou tangentes com um outro agrupamento, igualmente na órbita da Universidade Popular Portuguesa e sob o patrocínio de Bento Caraça, que publicou um suplemento juvenil na revista *Seara Nova*, designado ***Página da Mocidade***.

Principais colaboradores do jornal: Augusto de Lemos (todos os números); F. Lyon de Castro (n.º 1, 2); Heliodoro Frescata (1, 3); Palma Carlos (2).



ENSAIO
Quinzenário da Academia Liceal

Coimbra 1932

Com um único número lançado em 22 de Fevereiro de 1932, este título juvenil teve Políbio Gomes dos Santos por director e Ivo Cortesão por editor, tendo cabido a ambos quase inteiramente os artigos publicados, para além de colaboração de Mário (Braga) Temido, Alberto Andrade e Seíça e Castro.

O valor que ao jornal pode ser atribuído – em função do precoce aparecimento público de figuras mais tarde, sim, relevantes no movimento neo-realista e, em particular, na revista *Vértice* – decorre da própria declaração de objectivos: «arquitectar um campo de treinos, onde os alunos dos liceus pudessem ensaiar as suas faculdades literárias.» As palavras não podem entender-se vagas, já que o lançamento de um espaço de revelação de valores jovens visava contribuir para «a formação da nossa mentalidade – uma mentalidade sã que possa servir a Pátria num ressurgimento próximo.» Para tanto, procurava este grupo contribuir para a formação de um «sagrado movimento» da juventude cuja intervenção pudesse lançar «por terra todos os obstáculos, todos os preconceitos, que possam impedir a realização daquilo a que aspiramos.» Antes de mais: «Repudiemos, pois, o indiferentismo que nos imobiliza!»



GOAL
Semanário ribatejano. Desporto, arte, literatura

Vila Franca de Xira 1933

Título pioneiro nos primórdios dos movimentos culturais juvenis, é a única publicação que não corresponde, pelo meio em que se inseriu, a um título escolar; mas não se lhe

vislumbra ainda um nítido perfil ideológico, não deixando de encarar-se o papel básico que então desempenhou na particularização dos interesses culturais da chamada «juventude esperançosa» que, no início da sua actividade, designou o grupo de Vila Franca: na resposta ao primeiro *Editorial. Porquê?!...*, assinado por Alves Redol, surgiu com a aparência de intuitos meramente desportivos, como «jornal da especialidade», sem se lhe negar, contudo, importância como instrumento «da nossa actividade, da nossa vitalidade moça, cheia de entusiasmo, repleta de espírito moderno.»

Com dez números publicados, entre 11 de Janeiro e 26 de Março de 1933, sob a direcção de Alves Redol, teve neste o seu principal e mais esclarecido colaborador. Nas crónicas literárias que aí assinou, Redol manifesta uma posição socialmente solidária que pouco ainda se afasta de um paternalismo à maneira de Raúl Brandão; mal superando o autor de *Os Pobres*, o futuro romancista de *Gaibéus* aproxima-se das gentes humildes para destacar os seus problemas sociais profundos, juntando um recorte literário assinalável para a época juvenil em que escrevia: «Estamos no Inverno. A ampulheta da vida dos Pobres marca-lhes a Hora da Realidade». Mas demonstra já um olhar mais amplo sobre o mundo que oscilava entre o «mais belo ou mais trágico, mais humano ou mais irreal...», do qual resultava o apelo à participação de todos nessa *Hora da Realidade* (n.º 1). No mesmo sentido, o clamor contra o cinismo social (n.º 8) procurava destapar a alienação que mascara realidades profundas como o desemprego, a miséria e a exploração económica.

Entre os principais colaboradores, contaram-se: Alves Redol (n.º 1-6, 8, 10); J. Ferreira Peniche (1, 3, 5-7); Rogério Pinto (1-3, 5-7); Cândio Tarracha (2, 10); Manuel Mota (3); Gustavo (4-5); Norberto de Araújo (6); Baptista Lourenço (7, 9) e J. Neves de Carvalho (9).

OUTRO RITMO

Revista mensal de letras, artes, divulgação científica, filosofia, sociologia, crítica, crónicas, desporto, cinema

Porto 1933

Exemplo já classicamente citado e repetido como um dos jornais da juventude que «prepararam terreno ideológico» ao Neo-Realismo, não se encontra qualquer exemplar nas principais bibliotecas do país.



Para além de importância mais recente que Óscar Lopes, conforme seu depoimento, terá conferido a este título, só tardiamente veio Joaquim Namorado a exorbitar a relevância que o conteúdo da publicação efectivamente, por si só, não justifica. Para avaliar a sua importância relativa, como em geral deverá fazer-se para o conjunto de títulos dessa imprensa de natureza escolar que despontou nos primeiros *anos trinta*, torna-se necessário colocá-la no vasto contexto dos *movimentos culturais juvenis* que se desenvolveram ao longo da década.

A vinda a público desta revista foi, na época, recenseada nas páginas de *Seara Nova* (n.º 339, 20 Abr. 1933), com sumária referência de um registo bibliográfico, entre as publicações recebidas na redacção *seareira*; e, anos mais tarde, *Vértice* (n.º 244-245, Jan.-Fev. 1964) veio a recensar o grupo directivo deste título como fundador de *Sol Nascente*. Alcançada a possibilidade de consulta de exemplar e número que reputo único, em colecção particular (antes de ser vendida em leilão organizado pelo livreiro Manuel Ferreira, em Outubro de 2007), trata-se de uma revista de estudantes portuenses dos liceus Rodrigues de Freitas e Alexandre Herculano, sob o impulso ou patrocínio intelectual de Abel Salazar e José Marinho que aí assinam colaborações de algum modo relacionadas com o âmbito juvenil da publicação. O primeiro destes conclui, no seu artigo, que «uma mocidade retrógrada, pacata e egoísta, curta de ideias e falha de ideais é

um fenómeno social aberrante e transitório.»

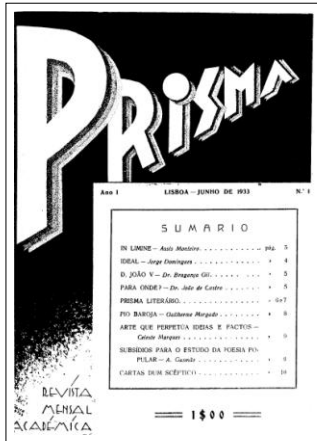
Foi fundada por António Lobão Vital, no seu último ano liceal, e a sua publicação ter-lhe-á valido a expulsão do estabelecimento de ensino (podendo admitir-se que, pela raridade de exemplares, o título possa ter sido apreendido). Afigura-se como revista que, no essencial, abre espaço a uma vontade de revelar literariamente uma plêiade de muito jovens estudantes, não sem uma muito vaga posição comum que o seu editorial manifesta:

Lutar por ALGO é, dentre o obscuro cepticismo ideológico, da época que passa, a nossa mais terna aspiração.

Aparentemente vago, *algo* era porém, como primacial atitude de recusa, uma firme tenção de escapar, por exemplo, aos «satânicos dentes da gigantesca roda social.» Do mesmo modo, em artigo assinado por um dos jovens directores, Artur Andrade, é definido esse *Outro ritmo* que compete à juventude estabelecer para contrariar as condições do meio: «Tudo neste mundo é Preconceito e Norma... Mas da tacanhez beócia das gerações actuais, irromperão em breve novas idiossincrasias e novas inteligências que velozes, partirão em busca da oirejante (sic) Sementeira.»

Desta ideia resulta um mais claro esclarecimento, metaforizado porém, daquele *algo* indistinto: «nós – os que no lugar do espinho queríamos ver uma açucena – opomos um OUTRO RITMO mais coerente e dinâmico – sinfonia matinal duma Alvorada Nova que desponta...»

Colaboram, além de Abel Salazar e José Marinho: Artur Andrade, Lobão Vital, Maximiano Pombo Cirne, Fernando de Araújo Barros, Fernando Sampaio e Castro, João do Valle, José Frederico e Camilo de Vasconcelos.



PRISMA
Revista académica

Lisboa 1933

Foi fundada e dirigida por Mário Dionísio, que então assinava com o apelido Assis Monteiro, e Jorge Domingues,

já então seu colega de um percurso literário conjunto até à redacção do semanário *O Diabo*.

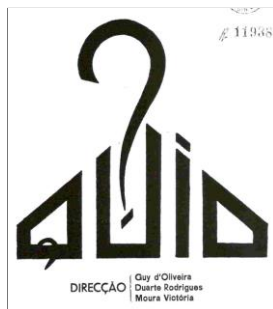
Esta revista escolar não passou, porém, do n.º 1 (Jun. 1933), em cujo editorial, colocado *In limine*, o jovem Mário Dionísio radicava nas mais básicas necessidades gregárias dos homens – «atração instintiva» – o impulso de reunião em torno de um periódico: «E, porque não há-de, também, dum conjunto de vontades erguer-se uma obra que estimule? Porque não hão-de os Novos, embora humildes, unir-se e progredir?» Conforme foi geral característica dos muito juvenis títulos de natureza escolar, este surgiu no terreno então ocupado «pelo pessimismo e pela morbidez da inactividade», porém como «um desassombrado gesto, pobre de poderio mas rico de espontaneidade juvenil.» Onde os seus promotores gritavam:

Somos Novos, bem novos! Queremos ideias e pensamentos novos!

– pretendiam uma leitura da arte fora de um vanguardismo de moda, perante o qual repudiavam: «não somos *futuros*.» Leia-se: do futurismo «desses caminhos modernos que abrangem numa longa teia todos os campos e todas as acções [...] em que se chama Arte a tudo, em que se chama Arte a nada...» Sugeria, então, a necessidade de um esforço de sistematização da modernidade estética dentro de um novo racionalismo: «Não é

romantismo o que nos invade a alma. É uma selecção de directrizes, uma coisa vaga apesar de firme, em que o sentimento puro de vanguardismo se cruza com os laivos necessário[s] da Ponderação.» Nem deixa aí de se opor ao ensimesmamento do criador de arte e à «rede idolatrada da sua saudade».

Num artigo de fundo assinado por Jorge Domingues, procurando perspectivar a actualidade de um *Ideal* de libertação «dos imperialismos do ouro e da cobiça», é notória a preocupação em radicar nas condições da realidade contemporânea uma transformação social profunda, «reduzindo a farrapos, que o vento levará para bem longe, as lutas de raças e de classes».



QUID?

Lisboa 1933

Estreada no Verão, publicou até ao n.º 4, de Dezembro de 1933, com apresentação gráfica assinalável sob edição de Alberto Vitória. Teve por directores Guy de Oliveira, Duarte Rodrigues e Moura Vitória, que viriam a fundar no ano seguinte, com Mário Dionísio e Jorge Domingues, o semanário *Gleba*, mas é com a efémera revista *Prisma*, por estes dois últimos editada, que adquire semelhanças como revista escolar.

Sem qualquer editorial ou justificativo de publicação, divulgou sobretudo uma criação poética, novelística e crítica de primeiros passos, dando conta de que uma primeira fase dominada por folhas estudantis foi na verdade um *campo de treino* literário. Merece, porém, destaque um artigo assinado por Raúl Costa sobre *A futura guerra, sua característica, seus perigos e sua defesa* (n.º 2, Out.) em que acusa a «onda de loucura [que] atravessa os vários povos da Europa» e o espectro de deflagração de um novo conflito mundial;

tema em que veio a reincidir Guy de Oliveira ao analisar *A Alemanha do presente e do passado* (n.º 3, Nov.), visando uma crítica do totalitarismo cego sobre o qual questionou:

Esta permanente confiança num só chefe [...] não será a causa dos dolorosos sofrimentos e duras provações a que se vê submetido o povo alemão de há um tempo a esta parte?!

Outro colaborador, Daniel Ribeiro, *Divagando...* ainda sobre o mesmo tema (id.), estabelece uma relação incisiva com o «equilíbrio moral há muito pulverizado» que corresponde a uma crise em que o conjunto «de todas as actividades humanas» se opõe «aos interesses e aspirações do indivíduo», no fundo do qual «surge inevitável o conflito entre o indivíduo e a Sociedade.»

Chama especial atenção a proposta de uma série, que afinal não passou de dois artigos, com assinatura de Almeida e Silva, visando *Aspectos da Literatura Contemporânea*. Não tanto pelas generalidades da primeira colaboração (n.º 2), o artigo seguinte deixa uma alusão muito explícita ao conhecido percurso de poeta vanguardista a jornalista instalado por parte do difusor da *política do espírito*, tecendo violenta crítica à figura de António Ferro, que o articulista considera «o expoente máximo da degradação mental duma época». Na conclusão, entrevê a inevitabilidade de uma nova realidade cultural e intelectual, cujos termos merecem registar-se (passe embora o exagero):

Entretanto, em livros que poucos lêem, em revistas que rapidamente se percorrem para logo se abandonarem, começa a pressentir-se uma ânsia magnífica de renovação.

Daí, concretiza:

Um frémito criador percorre a nossa geração. Nos horizontes da nossa literatura, desenha-se uma nova Escola, de contornos ainda muito vagos, de cores esbatidas [...]. Como embrião sedento da luz que, na Primavera, a custo abre caminho através do manto espesso de folhas mortas, assim o pensamento novo rompe a densa camada das

ideias mortas. Mas já aqui e além, meia dúzia de novos, estuantes de entusiasmo, soltam o seu belo grito de revolta.

Entre os projectos que este grupo anunciou, conta-se a preparação de uma «Biblioteca QUID?», que deveria constituir-se como «coleção de novelas, poesia, teatro, ensaios, crítica» cujo lançamento ocorreu com uma novela, *A Sombra*, do jovem António Coimbra, «apresentada com elegância e cuidado gráfico» sob impressão de 1934, sem lograr continuação. Projectou ainda um *Cancioneiro Moderno de Portugal* cuja publicação deveria surgir em separata da revista, sem contudo obter concretização. Porém ressurgido o grupo editor da revista, conforme referido, no seio do semanário *Gleba*, logo no ano imediato, veio este a concretizar uma linha editorial com algum relevo.

Principais colaboradores: Guy de Oliveira (n.º 1, 3); Victor Santos (n.º 1-2); Moura Vitória (n.º 1-2); Almeida e Silva (n.º 1-2); Raúl Costa (n.º 2); António Coimbra (n.º 1-2, 4); Jorge Antunes (n.º 3); Daniel Ribeiro (n.º 3).



COIMBRA
Jornal de estudantes da universidade

Coimbra 1933-36

Sob a direcção de Jorge de Moraes e António Cruz, não pode a este jornal estudantil, sediado nas instalações da Associação Académica e próximo da estrutura estudantil, ser dada importância como publicação determinada por um agrupamento de jovens que, a partir de pontos comuns, tenha procurado criar e intervir com uma intenção renovadora e uma vontade de recusa da situação cultural e política; porém, foi palco da pronta entrada em cena de alguns jovens que, de acordo com uma visível unidade de discurso em várias colaborações (aliás, ainda em dedicatórias que antecedem alguns artigos, vislumbra-se a relação de grupo de uns quantos colaboradores), desenharam uma acção

concertada entre o n.º 1, de 28 de Novembro de 1933, e o n.º 25, de 11 de Agosto de 1936, e viriam a ganhar relevo em publicações posteriores ou simultâneas a esta.

O editorial do primeiro número, consonante com a natureza das publicações de âmbito escolar que correspondem a um primeiro nível dos *movimentos culturais dos anos trinta*, coloca *No limiar* a ideia de pura revelação de valores: «Corresponde apenas a uma aspiração dos seus fundadores» e não à de preenchimento de um espaço preciso no panorama literário. Certo é que, um artigo de Cândido Frazão, interrogando *Porque não?* – sobre o lugar a uma consciência interventora (n.º 1 bis, 3 Dez. 1933) –, afirma que esta resulta de uma básica atitude de recusa da apatia no meio cultural e mental: «E foi precisamente a coação dessa atmosfera corriqueira, baixinha, que nos estimulou e nos trouxe à estaca».

Ora, de um esclarecimento inicial das perspectivas abertas a uma jovem geração deu provas um artigo fundador de Luís Regala que, em jeito de *Juízo crítico sobre uma mentalidade outonal* (n.º 2, 13 Dez. 1933), reiterava a necessidade de contrariar o clima geral de desinteresse juvenil: «Há valores na Academia, não tenho dúvida afirmá-lo, mas de tal modo dispersos, de tal modo disseminados e solitários, que se perdem na vacuidade absorvente do panorama geral.» O problema geral residia numa crise das elites dominantes e da noção tradicional de cultura. Por isso, apontava como caminho específico da juventude o da universalização de uma consciência humanística que alguns valores da intelectualidade europeia tornavam já exemplar para os novos:

Numa época em que os estados mais civilizados e progressivos começam a esboçar e a definir reacções contra o poder e o unilateralismo da especialização, o cultivo exclusivo desta limita os horizontes da cultura intelectual e moral da juventude, contrariando o acentuado carácter universalista que à cultura imprimem, actualmente, as elites da inteligência europeia.

Invocando explicitamente uma leitura de Ortega y Gasset, Regala contrapõe à noção do *homem-massa* a formação de uma mundividência baseada numa ampliação da noção de cultura – segundo fórmula muito próxima da lição de Bento Caraça sobre a *cultura integral do indivíduo*, que visava a consciência colectiva das massas – assente «não na aquisição sistemática e passiva do próprio conhecimento, mas [...] na visão filosófica da fenomenalidade cósmica.»

É neste horizonte que, em posterior artigo em que interroga *E a sebenta?* (n.º 14, 29 Mar. 1935), Luís Regala procede a uma crítica dos métodos escolares de aquisição de conhecimentos, fazendo eco dos «sectores da vida contemporânea que fazem da actividade intelectual uma missão educativa e orientadora.» Sustentava que «uma verdadeira reforma universitária» não podia deixar de estabelecer uma íntima relação dos «programas ao complexo dinamismo do nosso momento histórico», prescindindo do sistema sebenteiro que instituí «uma ideia superficial dos problemas» e um «regime de especulação limitada», quando a «ciência moderna» implica «toda a actividade criadora do pensamento na sua relação com o universal, – sob o impulso das várias contribuições intelectuais e do que ela está devendo à actividade do homem».

Deve destacar-se, finalmente, o aparecimento do ensaísmo de Manuel Filipe, para além da sua revelação essencialmente poética, com *Três nótuas sobre arte* (n.º 17, 7 Jul. 1935); a despeito da sua formulação esquemática, o artigo não deixa de apresentar tópicos importantes sobre a criação artística. Assim (invertendo, porém, a ordem dessas *nótuas*), a possibilidade de «realização das obras de arte», correspondendo à «grande necessidade» de exteriorizar a «inquietação» do artista, reside no «poder de revelação» que consiste no «génio do Artista», condição prévia que possa «dar forma» especificamente artística; sendo a arte expressão de todos os tempos (é neste sentido que afirma: «A arte não tem tempo»), a condição em que «se realiza a verdadeira obra de Arte» resulta da

«originalidade» da obra como «documento» de um tempo preciso em que ela adquire «certas formas válidas»; neste sentido, o valor irreduzível reconhecido à «criação» da obra de arte encontra-se na natureza e génese do discurso artístico, como linguagem, produto de «emoção» e «criação», diferentemente do discurso da ciência que é «observação» e «transformação». Para além dos aspectos da *necessidade* e da *validade* da obra de arte, é o da irreduzibilidade da arte particularmente focado por Filipe.

Do facto de que o «Artista não é aquele que *quer*, simplesmente porque *quem*», mas «é, simplesmente porque *é*» resulta o pressuposto de compreensão da criação de toda a obra de arte: «Existe, por isso, uma *realidade* artística.» E esta consiste especificamente num trabalho de adequação da «intuição» interior do artista ao «contacto» com o exterior a que dá forma, de onde conclui: «Não há objectivismo puro, como não há subjectivismo puro. A Arte é unidade.»

No domínio da concretização artística, sobretudo poética, as juvenis colaborações deste jornal não ultrapassaram, na generalidade, as margens confessionais de um lirismo de sentimento pessoalíssimo (de horizonte amoroso tão do agrado coimbrão estudantil) ou de um isolamento egótico (que pode oscilar, como na poesia de Manuel Filipe, entre o arlequim e o monge) a que apenas se furta uma *Ánsia* de Seabra Denis (n.º 10, 22 Jan. 1935) que acende solidariamente

Uma chama, talvez, que cresce, cresce.

E, cada vez mais fúlgida, incandesce

A braseira da minha mocidade.

Manuel Filipe e Luís Regala vieram ainda a encontrar-se, por essa altura, com Álvaro Salema, Magalhães Vilhena e Magalhães Godinho na iniciativa de fundação de uma ***Página da Mocidade*** (que pode considerar-se *anti-seareira*) no interior da revista *Seara Nova*.

Principais colaborações: Armando Sampaio (n.º 1, 1 bis, 2, 5-6, 8, 11, 15); António Cruz (1, 3, 6, 9-10, 14-15, 17, 24); Luís Regala (2, 14); Jorge de Moraes (1-3); Assis Pacheco (2, 5, 11-15, 19); Manuel Filipe (4-6, 9-11, 15, 17); Joaquim Veiga (4-5, 7-9, 12, 17, 19); Luís Carlos (6-7, 15); Políbio Gomes dos Santos (10); Seabra Denis (10-11); Fernandes Martins (15-17, 25); Mário Coelho (20, 22) e Soares Fernandes (21-22).



PÁGINA DA MOCIDADE

Lisboa 1933-1936

In *Seara Nova: revista de doutrina e crítica*

Entre 28 de Dezembro de 1933 e 2 de Janeiro de 1936, ao longo de 23 esparsos conjuntos de colaborações juvenis, sem qualquer periodicidade e, além do mais, com importantes fendas cronológicas que lhe conferiram evidente falta de regularidade, esta *Página* não apresentou uma verdadeira autonomia formal, sem no entanto constituir uma publicação absolutamente dependente do título principal. Sucedeu-se mais ao jeito jornalístico de uma *secção*, como aliás foi anunciado no texto editorial de início da actividade, sobre *Independência do pensamento* (*Seara Nova*, n.º 369, 28 Dez. 1933). Seguiram-se-lhe dois «números» em que o conjunto da colaboração literária juvenil ocupa uma inteira e precisa página do título principal (n.º 370, 4 Jan. e n.º 371, 11 Jan. 1934), ostentando um cabeçalho próprio, que não mais viria a apresentar, com a figura de um camponês heróico, foice empunhada ao alto, ceifeiro de uma outra *seara* que os textos confirmam pertencer a uma distinta geração.

A iniciativa jornalística e sua coordenação (segundo correspondência de António Sérgio) couberam a Álvaro Salema que, a partir de então, repartiu importante actividade doutrinária em jornais juvenis, como *Foz do Guadiana* e *Gládio*, nos quais deu forma a um pensamento coerente e inovador. Teve por mais assíduo colaborador a figura, até há pouco desconhecida, de Luís Regala, numa espantosa comunhão de ideários. A ideia de ruptura está subjacente a toda a publicação, de um modo que foi evidenciado no

artigo *Dois conceitos* (n.º 384, 12 Abr. 1934), no qual Luís Regala considera que, «sendo uma geração um estado colectivo de sensibilidade, um estado de alma colectivo eminente e seleccionador, traz consigo duas funções eminentes, duas posições perante o passado: uma *negativa*; outra *positiva*.» A noção de *alma colectiva* não deixa de compulsar o *problema central do nosso tempo* posto, por essa altura, na muito célebre conferência sobre *A Cultura Integral do Indivíduo* de Bento Caraça, de que alguns destes jovens colaboradores do suplemento parecem ter sido discípulos atentos.

Aliás, num artigo justamente intitulado *Do conceito de homem integral*, assinado por Vitorino Magalhães Godinho (n.º 392, 7 Jun. 1934), a noção de ruptura associada à de crise surge numa leitura próxima do mestre:

Neste momento histórico um problema abarca toda a humanidade: estará a actual civilização condenada a perecer, por não ter correspondência com as necessidades sociais e espirituais?

Além do mais, a ligação da iniciativa jornalística às actividades na Universidade Popular Portuguesa, dirigida por Caraça desde 1929, fica atestada nestas colunas «seareiras» pela publicação de algumas conferências ou leituras públicas, sendo uma das mais relevantes de Magalhães Vilhena sobre o racionalismo grego, em que o convívio com a leitura de obras clássicas do marxismo é, aliás, explícito.

A rejeição do passado identifica-se, conforme Salema estabelece em artigo de *Simplezas* (n.º 390, 24 Maio 1934), no quadro longínquo da «nossa fraudulenta república», cujos homens não souberam superar «a miséria intelectual e moral da sua época» e abriram caminho a uma «miséria maior duma falsa reacção», falhando justamente na concepção «de toda a autêntica democracia, entendida no seu alto sentido: o campo de realização de certos valores ético-sociais.» A finalidade social da democracia – que suscitara a Rodrigues Miguéis, não muito tempo antes e nas páginas da *Seara Nova*, uma

profunda e ruidosa ruptura com os princípios sociais vagos do republicanismo – foi ainda objecto de um artigo de Salema sobre *Antero e o heroísmo de pensar* (n.º 406/408, 11 Set. 1934) no qual considera que o «heroísmo de pensar socialmente» esbarrara na «impossibilidade de realizar socialmente». Esta crítica aos limites pequeno-burgueses e idealistas do republicanismo e à natureza demoliberal da I República constituiu horizonte de fundo das transformações intelectuais nos *anos vinte e trinta*.

Não deixa, aliás, de ser curioso acompanhar mais de perto o percurso de Salema neste período e no mesmo local, por exemplo numa análise sociológica *Sobre as utopias de Tomás Morus*, ainda que publicada fora da secção juvenil (n.º 448, 22 Ag. 1935), na qual pode ler-se esta crítica ao esquematismo dos pensadores utópicos – «generosíssimas pessoas inúteis» lhes chama – e à ineficácia das suas lições desenquadradas das coordenadas diacrónicas:

Não têm a consciência vital da história, porque da sua consciência só podem brotar intuições morais e jurídicas, geralmente inadequadas ao próprio fundamento social de que supõem partir; e assim, sem o entendimento das leis essenciais da evolução e revolução, pressupondo na sociedade que os cerca uma imagem criada e não uma imagem historicamente desenvolvida, todos os seus intuitos se resolvem em inutilidades estáticas e não em utilidades aplicáveis ao dinamismo social.

A concepção historicista que aqui subjaze já fora colocada, umas páginas antes, por Regala, como doutrina capaz de impor uma racionalidade própria à resolução dos problemas contemporâneos: «Uma época é tanto mais individual quanto mais espontânea. Uma geração é tanto mais vida quanto mais intensamente souber *contemporaniçar-se*. E ser contemporâneo é ser da sua época, é ser tal qual se é: – É ser! É adoptar, nos problemas complexos do conhecimento humano, uma teoria própria». Ora, a adopção de uma *teoria própria* – retenha-se o rigoroso significado – correspondia à

contemporânea necessidade de adequação do conhecimento e da prática social aos níveis da civilização material, destruindo-lhe as contradições, noção que Vitorino Magalhães Godinho esboçou nessa interrogação (volta a lembrar-se):

[...] *estará a actual civilização condenada a perecer, por não ter correspondência com as necessidades sociais e espirituais?*

Se a interrogação carrega a própria resposta (que Bento Caraça, aliás, já resolvera na célebre conferência sobre *A Cultura Integral do Indivíduo*, reproduzida nas próprias páginas de *Seara Nova* uns meses antes da *Página da Mocidade*), Godinho não deixa de apontar que se trata de transferir o conhecimento, o pensamento para o domínio dos destinos do Homem e do «seu comportamento perante o que se desenrola» como teoria do concreto: «Mesmo considerando sepultadas no aluvião dos tempos as concepções empíricas da vida, elas imperam ainda, depois de expulsas do pensamento, no vasto complexo social. É necessário portanto transportar a afirmação espiritualista do plano abstracto para o plano do concreto.»

Pelo contexto da sequência destas páginas, pode admitir-se que o subtil afastamento dos seus jovens colaboradores e o definitivo desaparecimento da publicação tenha o dedo imperativo de António Sérgio, conhecido que era pelo seu implacável anti-bolchevismo. Salema, Vilhena e Godinho viriam, pouco depois, a fundar o semanário *Gládio*, no qual seria dado novo lastro ao pendor doutrinário mais sólido a que se assistiu nos *movimentos culturais juvenis* no lapso de 1934 a 1936.

Principais colaborações: para além dos irmãos Artur Augusto e José Augusto dos Santos e de Marques Matias, que em breve viriam a fundar uma revista juvenil de tendência modernista, designada *Momento*, o núcleo ligado a Álvaro Salema, com Luís Regala, V. Magalhães Godinho, V. Magalhães Vilhena, Frederico Alves e Manuel Filipe, e ainda António Marinho Dias, Fernando Romero e Mário Noronha.



PÁGINA CULTURAL
Publicação eclética

Anadia 1934-1936

In *A Ideia Livre: semanário republicano e defensor dos interesses da Bairrada*

Exemplo precoce de uma página autonomizada no título principal da publicação, inclusive com numeração própria, esta contou 34 edições entre 20 de Outubro de 1934 e 16 de Maio de 1936. Granjeando visível prestígio junto dos responsáveis do semanário anadiense, foi seu director o estudante de medicina Seabra Denis, numa redacção improvisada na Rua Sá da Bandeira, sua residência escolar em Coimbra, e com a colaboração de alguns jovens mais participativos e irmanados em ideias comuns que o editorial sobre *Quem somos – o que queremos* minimamente esclareceu.

De uma forma que ecoa a lição de Bento Caraça, já sumamente referida, o texto de apresentação definia conceitos fundamentais, antes de mais o da unidade do conhecimento com uma praxis: «Somos a mocidade que pretende conhecer e saber marcar o seu lugar na sociedade e na vida, pelo aperfeiçoamento ininterrupto do seu todo.» E, finalmente, uma distinção crucial na época, que não é demais destacar:

Somos daqueles que distinguem a cultura da civilização. Somos daqueles que consideram o acréscimo da civilização sobre a cultura a causa da escravidão actual do homem, e, por consequência, o desenvolvimento da cultura individual o caminho aberto da sua libertação.

Já em artigo assinado pelo director, continuando as ideias expendidas no editorial, distingue *Civilização e cultura* (n.º 2, 10 Nov. 1934) em que começa por precisar expressões sumárias que demonstram o acompanhamento do legado caraciano: «*Cultura individual* é o aperfeiçoamento em grau mais elevado ou menos elevado do espírito de cada criatura humana.» De onde resulta a noção próxima da de *homem culto* de Caraça:

«O valor da cultura do indivíduo é-nos fornecido pelo modo como ele compreende a vida e pela maneira como actua na sociedade.» Ora, divergindo de António Sérgio, segundo expressamente invoca Seabra Denis, procede-se finalmente à distinção fundamental que permite sustentar a contradição que a sociedade pode gerar entre o *grau de civilização* e o *grau de cultura* de um povo e, portanto, o resultado de uma situação de *crise* geral: «*Civilização* é a maior ou menor facilidade vital de que a sociedade pode dispor. [...] *Cultura* é a luz mais clara ou menos clara ou menos clara que nos alumia no mundo interior e projecta ainda reflexos no exterior.» E, mais uma vez, a conclusão próxima do mestre, que revela um mesmo pensamento unificador e integrador, consiste na solução de crise do mundo contemporâneo em «estabelecer o equilíbrio da balança em cujos pratos a civilização e a cultura foram colocados.»

Nesta esfera de ideias, certamente compartilhadas, veio a esclarecer-se mais tarde a oposição destes jovens a situação política portuguesa, habilmente construída nos termos em que a relacionam com o quadro internacional; um artigo de Sousa Fonseca sobre o derramamento de *Sangue no oriente. Roma ou Adis-Abeba?* (n.º 22, 21 Set. 1935) destacava as relações do salazarismo: «o ensaio corporativista da sociedade portuguesa prosseguido com tanto afinco e clareza, aproxima o nosso bloco étnico do todo italiano [...] ensaiado e dirigido por Mussolini com tanto fogo como espectacularidade.» E entrevia o perigo maior, «quando a Teutónia hitleriana, por exemplo, alegar a sua necessidade de expansão na África.» Não deixava de ter motivos a acusação, revelada em artigo do próprio Seabra Denis (n.º 25, 2 Nov. 1935), de um colaborador do jornal *Ação Nacional* «contra estas tentativas de endoutrinação subversiva [...] – pedindo para elas a atenção da Censura jornalística e pondo de sobreaviso a ingenuidade do assíduo leitor.»

Conjunto de colaboradores, que geralmente não ultrapassava o número de três em cada página (para além das notas de redacção não assinadas) e exceptuados os números 6 e 7, inexistentes: Seabra Denis (n.º 2, 4, 9, 12-13, 17-18, 24-29); Jorge Ramos (2-3, 8); Georgette Ryner (3); Saldanha Carreira (3); A. Garibaldi (3, 13-14); Jorge Antunes (4); Baltazar Pacheco (5, 8, 11); Augusto Gil (8); Luís Leitão (9, 15, 26, 30, 33); Vítor Santos (14-15, 17); Abel Salazar (20-23, 30-31, 34); João de Sousa Fonseca (22); Alsácia Fontes Machado (23, 25, 29, 33-34); Armando Marques Pereira (30, 34); Silvío Lima (32).



GLEBA
Semanário de literatura e crítica

Lisboa 1934-1935

Com um número espécime em Novembro de 1934, publicou em seguida quatro números até 1 de Janeiro de 1935 sob uma direcção colectiva de Almeida e Silva, Duarte Rodrigues, Guy de Oliveira, Jorge Antunes, Jorge Domingues, Mário Dionísio, Moura Vitória e Vítor Santos, que correspondia à literal reunião dos grupos que haviam anteriormente fundado as revistas *Quid?* e *Prisma*, às quais a nova publicação acrescenta uma qualidade notória, em termos formais e de conteúdo.

Sob o título de *Uma directriz* esclarecedora, o editorial de abertura estabelece a linha doutrinária a seguir pelo semanário, que deve ler-se como referência ao materialismo dialéctico:

[...] *norteia-se pelos princípios filosóficos que buscam com perturbante ansiedade a sua doutrinação no campo da mais pura e evolutiva verdade científica.*

E, nos termos que serão caros à problemática social do Neo-Realismo, já numa alusão ao materialismo histórico, afirma que essa «filosofia engloba todas as manifestações da actividade humana».

Trata-se, em suma, de estabelecer uma mundividência que, em artigo posterior de Jorge Domingues (n.º 3), justamente intitulado *Imago mundi*, se afirma capaz de nortear uma nova praxiologia: «Ter uma “imagem do mundo” é viver uma época, é sentir o clima espiritual da sociedade que nos rodeia.» A praxis de uma participação no mundo requer, pois, uma consciência precisa da historicidade baseada na compreensão do papel do indivíduo na mais vasta colectividade, permitindo àquele actuar de acordo com esta:

Quem se quer integrar na vida tem de conhecer a sua missão – a missão do Homem, a missão da Humanidade. [...] E para bem a cumprir necessário é que se tenha uma imagem nítida do mundo, que se compreenda o todo universal, que se assimilem as ideias soberanas de um ciclo de civilização.

A ideia *dinâmica* de *ciclo* remete para a noção de missão histórica de uma classe, do papel cumprido como força determinante no progresso da civilização; são revolucionárias, segundo o aprendizado em célebres textos de Bento Caraça difundidos na época, as ideias correspondentes às forças desse progresso ou, de outro modo dito pelo jovem articulista:

Ter uma “imago mundi” é ter uma visão dinâmica do sentido social de uma época. [...] Por isso toda a filosofia que queira ser orientadora tem de nos dar uma imagem justa do mundo presente e uma visão antecipada do mundo futuro.

Esta posição exprime-se de forma particular em artigos sobre estética, como o que sugestivamente Vicente Martins intitula *Ars nova* (n.º esp.) e era dirigido evocativamente aos «moços de Portugal», aos quais desde logo propõe uma epígrafe de Plékanov, dirigindo este ensinamento de tese:

Que a Arte só tem uma escola – a Vida. E somos nós que fazemos a vida por nossas próprias mãos.

Aliás, noutras colaborações do jornal, *A Arte e a Vida Social* plekanoviana é objecto de várias citações. É ainda com o olhar no ensaísta russo que o jovem Guy de Oliveira escreve em torno *Do conceito de juventude* (n.º 2) para rejeitar qualquer distinção biológica que explique o «direito de rebeldia» dos jovens, o qual deve inspirar-se nos ideais de progresso que, no domínio da criação literária, não pode deixar de significar «modernismo».

Nesse mesmo número, Moura Vitória coloca-se no debate sobre os novos caminhos da

arte moderna, que então atravessaram as publicações culturais juvenis, a propósito da relação entre *O homem e a máquina* que lhe serve de título. Para o jovem escritor, a máquina representa uma metáfora, para significar que a criação estética moderna não pode deixar de acompanhar os interesses das grandes massas, a que chama «terceira classe» (à maneira francesa) e que «foi cada vez mais tomando consciência do seu valor moral e social» em face da revalorização material da máquina: «E esta, que devia ser o instrumento de libertação humana, torna-se opressora.» Daí: «A literatura moderna tem de procurar um ponto de orientação para o futuro. Terá de ser literatura destrutiva e construtiva, ao mesmo tempo», unindo à sua dimensão «espiritual» o «sentido utilitário de vida».

O semanário suspendeu, não sem que, antes, *Um esclarecimento* da redacção, no último número, tivesse de defender-se de uma acusação de «comunistoide».

Paralelamente à actividade jornalística, o grupo promotor deste semanário, à semelhança de outros agrupamentos juvenis, a partir da circulação de revistas e jornais culturais na época, desenvolveu uma linha editorial sob a chancela de Edições Gleba. Com «design» gráfico moderno a cargo de Luiz Areosa (que então concebeu também a linha editorial de apresentação das Edições Momento, dependente de uma revista juvenil homónima de próxima filiação *presencista*), publicou pelo menos 16 títulos literários confirmados, sobretudo na criação poética e novelística e na sua maioria de jovens autores, dando lastro a uma eminente revelação de valores, conforme o quadro seguinte que reconstitui a ordem de saída a público na colecção:

AUTOR	TÍTULO	GÉNERO	DATA	N.º
Mário Dionísio	<i>Oiro! Caricatura duma civilização</i>	novela	1934	1
Jorge Antunes	<i>Ana Rita</i>	novela	1934	2
Leite da Costa	<i>Nova Luz</i>	poesia	1934	3
Camões	<i>Lírica</i>	poesia	1934	4
Guy de Oliveira	<i>A Dor</i>	ensaio	1935	5
Rodrigues Lobo	<i>Poesias Escolhidas</i>	poesia	1935	6
André Brun	<i>Consultório Psicológico</i>	ensaio	1935	7
Vítor Santos	<i>Fragmentos</i>	prosa poética	1935	8
Jorge Antunes	<i>Nem Só de Pão Vive o Homem</i>	novela	1935	9 ?
Guy de Oliveira	<i>Horas de Angústia</i>	poesia ?	1935	10 ?
Moura Vitória	<i>Sombra</i>	novela ?	1935	11 ?
Vítor Santos	<i>Homens que Passam</i>	novela	1935	12
A. Garibaldi	<i>O Julgamento</i>	teatro	1935	13
Vítor Santos	<i>Precursores da Comédia (Subsídios)</i>	ensaio	1935	14
João Patrício	<i>Fragmentos</i>	poesia	1935	15
Victor Santos	<i>Horácio na Literatura Portuguesa</i>	ensaio	1936	16 ?

O fulgor editorial pesa-se melhor se, de acordo com as expectativas impressas nas contracapas dos volumes ou *in fine*, se tiver em conta que chegou a anunciar-se um conjunto de mais 13 títulos que acabariam por não conhecer edição ou dela não se obteve confirmação (totalizando três dezenas de revelações literárias projectadas, em cerca de dois anos de publicações, que excederam mesmo a própria vida do jornal de que partiram):

AUTOR	TÍTULO	GÉNERO
Jorge Antunes	<i>Novelas Imperfeitas</i>	novela
Mário Dionísio	<i>Multidão</i>	poesia
Jorge Domingues	<i>Viagem Milenária</i>	novela
<i>Id.</i>	<i>Bárbara</i>	novela
Campos Lima	<i>Atribulações dum Juiz</i>	novela
Guy Oliveira	<i>Conflitos Espirituais da Mulher</i>	ensaio
Duarte Rodrigues	<i>Divagando...</i>	ensaio
Rui Santos	<i>Juventude</i>	ensaio ?
Victor Santos	<i>Uma Aventura em Biarritz</i>	novela
Almeida e Silva	<i>Rameira</i>	novela
Tinha	<i>Brinquedos</i>	lit. infantil
Moura Vitória	<i>A Tragédia de Tibúrcio</i>	novela
<i>Id.</i>	<i>Prisioneiro</i>	novela



Principais colaborações no semanário, entre outras: Duarte Rodrigues (n.º esp., Almeida e Silva (n.º esp.-n.º 4), Mário Dionísio (n.º esp., 2, 4), Palma Carlos (n.º esp.), Guy de Oliveira (n.º esp., 2, 4), Vicente Martins (n.º esp.); Jorge Domingues (1, 3-4), Victor Santos (n.º esp., 1, 3, 4); Jorge Antunes (n.º esp., 1, 3), Sérgio Augusto Vieira (n.º esp., 3), António Sérgio (1, 3), José Rodrigues Miguéis (1); [João Evangelista] Campos Lima (1, 4), Moura Vitória (2); Guilherme Morgado (2), Rodrigues Lapa (3), Fernando Barros (3-4), Leite da Costa (3), Vasco da Gama Fernandes (3), Seabra Dinis (4), Câmara Reys (4).



FOZ DO GUADIANA
Periódico independente e de propaganda regionalista

Vila Real de Stº António 1935-1936

Dirigido por António Vicente Campinas, o jornal enveredou gradualmente por abordagens de predominância cultural entre o n.º 1 (20 Janeiro 1935) e o n.º 54 (18 Outubro 1936), vindo a designar-se como *Periódico literário e noticioso* no seu ano II de publicação (n.º 28, 23 Jan. 1936), ao mesmo tempo que cresceu a sua circulação, sobretudo nesse último ano, em que passou dos 3 mil para os 5 mil assinantes, numa euforia de difusão do jornal que, paradoxalmente, ocorreu no momento da sua extinção. Num período inicial, fez-se eco de intuítos regionalistas, definindo-se no editorial de *Apresentação* como «periódico onde os seus habitantes pudessem saborear o prazer espiritual duma leitura nossa, muito nossa» e, além do mais, «indispensável para a vida de qualquer localidade cujo desejo de progresso se apoia e reflecte, em parte, na publicação dum jornal.» Foi, então, marcado por intelectuais de um republicanismo

honesto e virtuoso e do anarquismo operário, como Teixeira Gomes ou Julião Quintinha e Jaime Brasil, de que o primeiro naipe de jovens colaboradores pode considerar-se discípulo; em breve de paredes-meias com um neo-positivismo enxertado pela mão de Abel Salazar e alguns jovens seguidores seus que viriam a criar o suplemento *Trapézio* na revista *Pensamento* do Porto.

Desta simbiose progressista é exemplo de criação literária esta *Exortação* poética de ritmo panfletário, assinada pelo jovem Vicente Campinas (n.º 9, 15 Maio 1935):

És livre... Deixa a Ideia elevar-se às alturas
Da sua inspiração.
Não queiras deparar-lhe o que p'ra ti não queres:
As horríveis torturas
Da prisão...

Ou ainda neste arfar de um *Ritmo novo*, pouco mais que generoso no altruísmo de virtudes imprimido ainda pelo mesmo Campinas (n.º 10, 26 Maio 1935):

Ritmo novo...
O teu grande amor pela Verdade
Fará viver o Mundo em ideal Liberdade!
Ritmo novo,
Ritmo novo...
O teu fim será a Eternidade!

E pouco mais!... Pelo menos por ora.

Embora do ponto de vista cronológico este jornal seja contemporâneo do nível de publicações juvenis características do período inscrito entre 1933 e 1936, marcado essencialmente pela vontade de revelação literária de uma geração moça, a preocupação que aí se torna latente por um alargamento da difusão pública aponta para uma transição ao período seguinte, como então acontece com os muito efémeros *Gládio* e *Gleba*; e,

como estes, sofreu a penalização de um mais esclarecido impulso doutrinário que então emergiu e aí mesmo se fechou. Desta rápida afirmação de maturidade, numa antecipação teórica de curta expressão fazem parte importantes colaborações ensaísticas de Álvaro Salema até agora desconhecidas ou rarissimamente evocadas, na primeira das quais, dissertando sobre a noção de *Cultura proletária* (n.º 18, 15 Set. 1935), defendia um enquadramento sociológico dos fenómenos culturais:

Uma concepção de cultura baseia-se sempre nas condições históricas do seu aparecimento e por consequência na mentalidade social dominante e no complexo das tendências espirituais que constituem a especial psicologia de uma época.

De tal modo, a perspectiva aproxima-se visivelmente do materialismo histórico:

O declínio progressivo da sociedade burguesa e o papel preponderante que começa a desempenhar o proletariado e a pequena burguesia proletarizada, levam o pensamento moderno a uma espécie de translação espiritual muito diferente daquela que nos precedeu no decurso da história.

O contributo de Salema para o esclarecimento ideológico da publicação parece notório, se bem que uma mescla gerada por outros substratos teóricos tenha contribuído para fórmulas doutrinárias de simplificação ou generalização grosseira acamadas no Neo-Realismo português e de que este periódico é cabal exemplo.

Não deve, pois, ficar sem referência o contributo do progressismo de algumas concepções trazidas pelo neo-positivismo. A partir de um mecanicismo de inspiração materialista (vd. artigo *Do espiritualismo e do materialismo*, de Afonso Castro Senda, n.º 29, 2 Fev. 1936), esta corrente gerou noções redutoras sobre a relação da arte com a sociedade, segundo um empirismo lógico capaz desta catalogação simplificadora das obras de arte administrada pelo jovem Dinis Cupertino em torno *Da função da crítica* (n.º 22, 27 Out. 1935):

Á crítica pertence fazer a desfiação de tais obras, apresentando-as, arregimentando-as em várias classes, separando-as, no conjunto, em duas classes: sociais e não-sociais.

As sociais entrincheiram-se num campo humano, com finalidade preestabelecida: pensamento concretizado, masculinizado, na mira de minorar a dor dos outros; remodelar a sociedade [...]; modificação de costumes; queda de preconceitos e desapareção das superstições.

As não-sociais batem-se pelo prazer de se mostrarem nos escaparates das livrarias, com capas bizarras, orgulhosas de se sentirem olhadas... e delicias os narcisos-meninos-cretinos e eunucos, predispostos para a imbecilidade e para o lugar comum.

E neste mesmo sentido, o jovem correligionário da «cultura positiva» que foi Castro Senda, em artigo que tratou *Do valor construtivo do cinema* (n.º 24, 24 Nov. 1935), reduzia este domínio artístico a «uma importância inegável e inigualável como instrumento de evolução».

Ora a influência do ideário marxista evoluiu visivelmente na fase final do jornal, a par de uma colaboração regular da figura neo-positivista de prestígio que foi o Prof. Abel Salazar, com um ascendente sedutor que exerceu o seu exemplo cívico sobre a primeira geração neo-realista. Não pode deixar de referir-se, no último número, um artigo de Lobão Vital a propósito da morte de *Alexei Máximovich Pechkov* (n.º 54, 18 Out. 1936), sustentando a importância do papel desempenhado pelo autor de *A Mãe* como intelectual orgânico que foi «escultor admirável dos oprimidos, que ele faz viver numa torturante epopeia de dor»: Gorki «contribui bastante para a revolução de 1917, criando no povo russo uma forte mentalidade revolucionária». Poderá ter sido este o derradeiro argumento para a sua suspensão... Mas não sem que antes a intromissão da censura se vislumbre, aqui e ali; com surpreendente evidência, por exemplo, na caixa de abertura de um texto de Maria Raquel, intitulado *Arte por vintém, ao domicílio servida* (n.º 12, 23 Jun.

1935): «Onde se conta uma historieta velha-relha e do mais que se veria se o artigo fosse inteiro.»

Principais, entre largas dezenas de colaboradores de diferentes gerações: Rodrigues da Costa (n.º 1-8, 10-15, 18-19, 24-26, 32-33, 39, 41-42, 44-46, 48-50, 52-53); Antero de Vila Nova (1-5, 7, 9); Guido de Seixas (1, 6-7, 10, 13); Fernando Moraes Rodrigues (1-4, 6, 8, 10, 28, 38-39); Maria Raquel (2, 7, 12, 32); Manuel Rosa (3-5, 8, 11-12, 17, 48); Mairiel (5-6, 8-11, 13, 16, 18, 23-25, 28, 41, 43-46); Julião Quintinha (8, 14, 28, 36, 47); Alsácia Fontes Machado (ou pseud. Hanid Estela, 8-11, 13, 15, 17, 20/21, 24-28, 30, 32-33, 35-40, 42, 44-45, 48-49, 51, 53); Jaime Brasil (11, 15, 20/21, 28, 41); Manuel Teixeira Gomes (13, 29); Álvaro Salema (18, 22, 28); António Pereira (20/21, 24, 26, 28, 32, 37-38, 43, 48, 54); João Braz (20/21, 23, 26, 28, 37, 40-41, 46); Mário Mota (20/21, 25, 32, 46); José António de Castro (pseud. Alfonso, 20/21, 23-24); Dinis Cupertino (pseud. Kupertinu, 22, 45, 47); Abel Salazar (27-31, 33-34, 36-40); Afonso de Castro (ou Castro Senda, 29, 34); César Anjo, Filho (23, 31, 34); Armando Bacelar (30); Seabra Denis (31, 34); J. Soares Lopes (33, 35, 37, 52); Joaquim Santana Mendes (34-35, 50-51); Lobão Vital (37, 44-45, 54); Rolando M. Ferreira (38, 54); Sousa Nunes (45, 48, 54); Virgílio Passos (47, 52); Agostinho da Silva (49).



GLÁDIO
Semanaário de literatura e crítica

Lisboa 1935

Sob a direcção de António Gameiro, não passou do n.º 1 (31 Janeiro 1935). O corpo redactorial era, entre outros, constituído por Álvaro Salema, Vasco Magalhães Vilhena e Vitorino Magalhães Godinho, que acabavam de abandonar a iniciativa *anti-seareira* de uma magnífica *Página da Mocidade*. Tratando-se de uma iniciativa eminentemente juvenil, constituiu a mais profunda afirmação então sistematizada de um novo ideário humanista de renovação artística. O jornal situava-se, aliás, na órbita de um círculo intelectual de personalidades esclarecidas, tanto mais que nas suas colunas se anunciava a próxima edição (que não chegou a ser concretizada) de uma revista, orientada por Bento Caraça, que viria a intitular-se *Dialéctica*.

Segundo a própria linha editorial que traçou o *Rumo de Gládio*, a consciência da necessidade de um público mais vasto é posta perante os limites intelectuais intrínsecos de uma tal publicação:

Feito, não para a grande massa – que, não participando da nossa ideia e do nosso

objectivo – é deles o fulcro – “Gládio” dirige-se aos que pelo sofrimento e pela ânsia se situam inevitavelmente no campo do nosso pensamento. Deles, deles só, esperamos o apoio, o ambiente e o carinho indispensáveis ao futuro.

Sem procurar substituir-se a qualquer vanguarda social e política em cujo ambiente, porém, claramente se situava, o jornal estabelecia os parâmetros de uma nova vanguarda cultural, a despeito das colaborações heterogêneas com que tinha inevitavelmente de conviver:

Espírito moço significa hoje mais que irreverência e idealismo puro: é, acima de tudo, inquietude, curiosidade, acção e experiência provinda das apremiantes [sic] condições de vida.

Deste modo, deve principalmente sublinhar-se na postura ou, melhor, no estatuto social do intelectual uma propensão, em tudo nova, para uma acção que provém da consciência, igualmente nova, de que as «apremiantes condições de vida» (desde a subsistência material à criação artística, como à condição de liberdade de pensamento e de acção) constituíam o elo que se quebra entre intelectual tradicional e não tradicional. Armados já ideologicamente, pois, os colaboradores de *Gládio* encontravam a convicção e a combatividade inabaláveis para se afirmar: «Neutrais? Nem por princípio, nem por temperamento.»

Finalmente, devem destacar-se dois artigos característicos da linha editorial: de Álvaro Salema, *Antiburguesismo da cultura nova* (muito na linha de colaboração que assinara, pouco antes, em *Foz do Guadiana*), tornando-se referência modelar pelo seu esclarecimento ideológico; mas coube à pena de Rodrigues Miguéis inscrever *A mensagem da juventude* que, além de corresponder a um verdadeiro manifesto para uma nova geração no momento da sua formação, é uma peça literária de superior recorte do escritor que, havia pouco, publicara o romance *Páscoa Feliz*.

Entre os colaboradores: João de Barros, Horácio Cunha, António Sérgio, Álvaro Salema, José Rodrigues Miguéis, Câmara Reys.



A VOZ ACADEMICA

Aveiro 1935-1938

Surgiu formalmente como propriedade da Associação Escolar do Liceu José Estevão que, curiosamente, havia sido fundada por Agostinho da Silva, e definiu-se inicialmente como mensário. Segundo era usual nos periódicos escolares em que se enquadra, foi publicado no curso dos anos lectivos e contou quatro séries de publicação: n.º 1 (18 Mar.) a n.º 5 (11 Jun.) de 1935, ano I; n.º 6 (1 Dez. 1935) a n.º 13 (18 Jun. 1936), ano II; n.º 14 (15 Jan.) a n.º 22 (17 Jun.) de 1937, ano III; n.º 23 (15 Dezembro 1937) e n.º 24 (15 Janeiro 1938).

Mário Sacramento foi o seu primeiro director, interrompendo no ano II (dir. José Gouveia), para voltar ao cargo nos dois anos finais de publicação. O texto editorial de lançamento, em forma de *Vaticínio* e tutelado pelo reitor da escola, João Joaquim Pires, interpretava o impulso juvenil do grupo promotor como um «entusiasmo comunicativo e ardente, [em que] cada um sente identificar-se com a sua personalidade a alma e talento dum jornalista». Agitando-se «na sua imaginação ideias e pensamentos maravilhosos», o título periódico vaticinava, pois, que «agirá e procurará soluções para os problemas mais complexos e palpitantes da hora corrente.»

Nessa hora, as ressonâncias intelectuais da república espanhola davam exemplo próximo que um *Panorama* assinado por Nunes da Silva destacava (n.º 1): «Foi assim que esses homens admiráveis [...] mostraram ao mundo que patriotismo é coisa diferente das *fanfarronadas* dos patrioteiros que agonizaram com o rei. No campo cultural, a Espanha

domina-os; e contra essa força não há exército que a vença.» Concluía, por fim: «Só a força da instrução. Só a força da cultura.»

Cedo foram assumidas posições de inconformismo, numa rejeição do desinteresse da mocidade que um colaborador registou em termos curiosos (n.º 4): «Não liga importância alguma aos grandes problemas sociológicos que à sua volta se agitam. Se ouvem alguém falar sobre mocidade, alcunham-no logo de “Vermelho excomungado, anarquista endiabrado”». O posicionamento cultural de uma tal publicação de jovens manifestou-se, então, em função de um esforço participativo contra a inércia do meio diagnosticada por Mário Sacramento numa crítica *Da macambuçice dos novos* (n.º 14, 15 Jan. 1937): «a *macambuçice* académica provém das dificuldades actuais da vida, de que o comedimento na acção e na opinião deriva[m]». Pouco após, escrevendo o mesmo autor sobre *Eça de Queirós e os inimigos do realismo* (n.º 17, 15 Mar. 1937), determinaria as escolhas em que se movia a juventude da época a partir da própria expressão inicial com que definira a inércia:

O leitor que escolha entre a macambuçice e os olhares vagos dum idealismo sonâmbulo a e vitalidade forte de quem anseia por uma vida melhor e se compraz em separar o joio da seara nesta eira vasta que é o mundo.

A consonância com esta escolha era anunciada no editorial do mesmo número, intitulado *Ontem, hoje e amanhã*, em que afirmava uma confiança decisiva na capacidade juvenil de optar por novas matérias poéticas, porquanto «virá um dia em que a mocidade porá, nos seus escritos, o trabalho honrado acima da palidez histórica da lua, em que ela sofrerá mais com a desdita dos humildes que com o desdém da amada». Finalmente, em novo artigo de Mário Sacramento, em 1937, sob o patrocínio de Romain Rolland (n.º 21), os artistas dominantes são acusados de estarem «refugiados na

sua torre inacessível de marfim, esquecidos, no seu labor, da multidão inquieta que os rodeia».

Numa publicação juvenil que deu lastro à participação literária de inúmeros estudantes, divulgando nomeadamente dezenas de textos relevantes em jogos florais escolares e outros concursos locais, a crítica social de pendor realista não deixou de estar presente, como na crónica *O acaso*, de Joaquim Rodrigues da Silva, que confronta a atitude de dois mundos diversos nestas personagens (n.º 4, 21 Maio 1935):

Pelo que percebi, Camilo defendia uma sociedade melhor, mais justa, mais equi[li]brada. O outro, Dr. Zé, estava apegado à tradição e, crente no passado, não queria assimilar nada que lhe cheirasse a organização social diferente daquela em que tinha firmado o seu espírito.

Desde o início, salientou-se também em frequentes colaborações, uma posição contra a guerra, «espada de Damocles – neste caso transformada nos aviões de Hitler», e denunciando ainda, em particular, o imperialismo italiano de Mussolini.

Em Janeiro de 1938, segundo depoimento processual de Mário Sacramento, este «viu arbitrariamente suspenso pela censura do Estado Novo o jornal que então dirigia [...], apenas por defender, por forma correcta e legal, os interesses da juventude.» Uma série mais tardia foi publicada em 1940, com um único e derradeiro n.º 25, dirigido por António Rito e com a participação formal de um representante da Mocidade Portuguesa no corpo redactorial.

Principais e mais regulares colaboradores: Mário Sacramento (n.º 1, 3-5, 14, 17-24); José Gouveia (1, 5-7, 10, 13, 20); Nunes da Silva (1-2, 4-5); Mendonça e Silva (2, 4, 23); Santos Pato (3, 12, 14); Joaquim Rodrigues da Silva (4, 7, 9, 15-21); José F. dos Santos (4, 13, 17); Fernando Lopes (5, 9); Amílcar Ferreira de Castro (6-7); João Costa (6, 9); Alberto Mendonça (13-14, 17); Armando Vidal (15-20, 23-24); Dias Andrade (19, 21-22); António Vidal (19-20, 22); Santos Catarino (21).



ALMA ACADEMICA

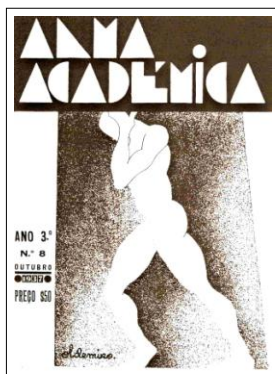
Revista quinzenal de letras

Porto 1935-1938

Conheceu uma periodicidade irregular, circulando apenas no curso dos anos lectivos, desde o n.º 1 (2 Abril 1935) ao n.º 12 (Fevereiro 1938). De início dirigida por Domingos A. Vieira e António Nogueira Dias e sob edição de António da Silva Coimbra, a revista estabeleceu delegados em várias escolas secundárias no norte do país (chegou a apresentar 27 representantes em 19 estabelecimentos de ensino).

Um desses jovens, estudante do liceu de Aveiro, foi Mário Sacramento, sublinhando o carácter eminentemente escolar da revista, que viria a alterar-se no final do seu percurso. O editorial de lançamento acusa, por um lado, o «mais completo estado de indiferença» no meio juvenil e a sua falta de participação na vida cultural; daí, por outro, manifestar a sua intenção de afirmar-se como espaço para «iniciar os novos, entusiasmando-os para tal fim.» A tiragem inicial, apesar de uma nota ao segundo número considerar «relativamente grande» para a expectativa, parece ter-se esgotado «passadas poucas horas do seu aparecimento». Durante cerca de dois anos e meio, a revista constituiu no essencial um modo de participação pública de umas poucas dezenas de jovens estrepantes que despertaram para as letras. Não obstante uma pacífica irreverência, dificuldades de publicação, que não podem atribuir-se às «suas condições económicas» nem ao volume de colaborações que gerava mesmo «falta de espaço» na revista, podem afinal ser atribuídas à acção da censura, pois a redacção chegou a invocar (n.º 5): «outros motivos, que são bem mais de lamentar, impediram que ela saísse pontualmente, todos os meses.» A partir do n.º 10 (10 Dez. 1937), Armando Bacelar, que fora colaborador regular desde o início, parece ter assumido, ao menos na prática, a chefia da redacção, escrevendo

então vários artigos cuja autoria desdobrava com o pseudónimo (na época, muito usado) de Carlos Relvas. Vemos, nessa altura, alterar-se o subtítulo para o de *Revista mensal. Cultura, letras, desporto, cinema* – indicador da passagem para um nível mais esclarecido do tipo de publicações juvenis em que se situou.



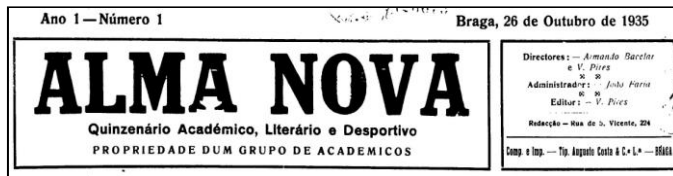
Aliás, o editorial desse fascículo de mudança prescrevia nova linha editorial, sob o título sugestivo de *Plano*:

De hoje em diante tentaremos rasgar um novo rumo a esta revista, afirmando a nossa condição de jovens, numa viva inquietação cultural por todas as coisas de espírito.

No número seguinte, Jofre Amaral Nogueira inscreve a pedra filosofal do movimento de renovação cultural em que os jornais juvenis se inseriram:

Ao primado do espiritual que se funda na covardia do Espírito nós substituiremos o primado do espiritual que se funda na vitória dos homens sobre as coisas: a vitória da unidade da Ciência e da Acção. Para a cultura de ontem a vitória [do espírito] consistia na renúncia, para nós ela consiste na modificação das coisas.

Principais colaborações: Maria Dulce Teixeira (n.º 1, 5), Fernando Llamas (1-9), António Dias (1-12), Valério de Azevedo (1-9), José Marinho de Lemos (2, 4, 10-11), Rui de Albuquerque (10), Celso Fernandes (11), Alice Guimarães (11); além de Armando Bacelar (n.º 2, 4, 6, 8, 10-12), colaboraram na última fase: Fernando Namora (10-11); Jofre Amaral Nogueira (11) e Lino Lima (12).



ALMA NOVA
Quinzenário académico, literário e desportivo

Braga 1935-1936

Apenas com 4 números publicados, entre 26 Outubro 1935 e 26 Janeiro 1936, este jornal de grande formato foi dirigido por Armando Bacelar que, na sua passagem pelo Liceu de Braga, repartiu a redacção da revista com V. Pires, um «colega muito conservador meu amigo», segundo depoimento muito posterior.

O editorial que faz a *Apresentação* cautelosamente reconhece no periódico «apenas uma iniciação, um esboço de aprendizagem», como vieram a revelar-se, com efeito, as colaborações juvenis. Porém, nas palavras de abertura com que o professor F. Prieto saúda a *Boa iniciativa* estudantil, circunscrevia-se com rigor o terreno de «um pequeno jornal de carácter essencialmente escolar» sem deixar de reconhecer que tal actividade jornalística inevitavelmente se vocaciona «não só a revelar vocações de vária ordem, mas ainda a servir de eficaz meio de ligação entre toda a família académica».

No fundamental, constituiu um dos elos perdidos nessa cadeia de ligações culturais e relações de grupos que o jovem Bacelar assegurou na região do Porto, como a revista escolar *Alma Académica* ou o suplemento *Trapézio* inserido na revista *Pensamento*, e veio a estabelecer com jovens de Coimbra com a sua passagem pela respectiva universidade, desembocando em termos mais directos na influência que exerceu no grupo redactorial de *Sol Nascente*.

Principais colaboradores: Armando Bacelar (n.º 1-2, 4); Constantino Augusto (1, 3); V. Pires (1, 4); Alfredo Peixoto Barreto (1-4); Fernando Sá Dantas (2-3); Rafael Soeiro (2-4); Nelson Pereira Cardoso (3-4).



ALVORADA
Jornal cultural dos estudantes do Liceu José Falcão

Coimbra 1935-1939

Com uma tiragem inicial de 500 exemplares (*Boletim Bibliográfico*, 1935), o primeiro número foi publicado, como exemplar de lançamento, em 1 de Dezembro de 1935 e sob a direcção de Fernando Namora. O último apareceu em 27 de Abril de 1939, após quatro séries (coincidentes com sucessivos anos lectivos) com várias direcções, entre as quais a de Egídio Namorado, que teve como secretário de redacção Carlos de Oliveira. Conforme a natureza destas iniciativas escolares, o editorial que apresentou *Este jornal...* reconhece-o como «jornalzinho, simples, mesmo acanhado no seu primeiro voo, incerto ainda, contando apenas com a boa vontade de todos nós.» Dirige-se, pois, ao seu auditório nestes termos de coisa iniciática:

Este jornal, caros colegas, é apenas um meio de alguns (os que quiserem dentre nós) expandirem as suas ideias, a sua imaginação de novos, ansiando por vencer.

Pouco após, um outro editorial da Redacção, sobre a *Vida jornalística* (n.º 7, 26 Maio 1936), reconhece os limites de difusão dos «periódicos culturais», até então perdidos no «enredo de existências efémeras que nunca chegaram a criar raízes na parte dubiamente culta da população portuguesa», porém manifesta a necessidade de persistir nesse «capítulo» da actividade jornalística, já que «a sua expansão é a expansão de muitas

ideias, a fusão de muitos conhecimentos e a revelação de muitas forças».

Em anterior fascículo (n.º 5, 31 Mar. 1936), um dos mais jovens e persistentes colaboradores, António Tavares de Almeida, numa reflexão sobre a *Hora de angústia* que o espectro de guerra aprofundava, mobilizou as atenções para o pacifismo:

Vinte anos depois da grande hecatombe que convulsionou o universo, a humanidade presencia angustiada, apreensiva a possível e natural preparação de um novo e mais intenso drama.

Mas ainda no mesmo número, dentre uma série então iniciada por Fernando Namora de *Poemas em prosa*, uma glosa à *Liberdade* abre as portas da ambiência social ao artista:

As grades, rebentadas, já não podem conter sofreguidão. E acordada a escolha nada pede, nada escolhe. Afogou-se na liberdade.

A leitura dos editoriais esclarece-nos sobre a espontânea e frágil transição de uma mundividência estudantil de tradição oitocentista, numa boémia literária que ocupava um lugar central, para uma experiência da individualidade necessariamente mediada pela consciência do elemento social. Mas dá-nos conta, igualmente, da complexidade do clima ideológico geral que influía na imprensa juvenil da época, nomeadamente com a intercepção de uma segunda série que, sob a direcção de Olívio de Carvalho entre 3 de Fevereiro e 16 de Junho de 1937, trouxe a este título um grupo de jovens nacionalistas que dominaram as suas páginas em todo esse período.

No ano lectivo seguinte, de 9 de Dezembro de 1937 a 15 de Maio de 1938, impôs-se uma direcção jornalística de Egidio Namorado que, num editorial sobre os *Novos rumos* da publicação juvenil na sua 3ª série – patentes também num formato gráfico moderno que chama a atenção (n.º 2, 15 Jan. 1938) –, «propõe-se imprimir-lhe novas directrizes, tornando mais íntimas as relações do jornal com todos os alunos do liceu, arejando-o e

dinamizando-o.» Sem deixar de fazer referência ao grupo nacionalista que predominara no anterior ano de publicação, insiste que «o jornal é de todos e não somente de alguns».



Merecem, finalmente, particular referência as notas de reflexão que Egídio Namorado assinou, na 3ª série, em torno *Da poesia moderna* (n.º 4, 15 Mar. 1938), nas quais começou por reivindicar peremptoriamente uma herança geral: «A poesia moderna triunfou [...] e está integrada no momento actual.» Sem particularizar o chamado modernismo, refere-se em geral às conquistas estéticas da modernidade em cujo percurso invoca ter faltado compreensão da «grande massa do público», quer pela «ignorância das teorias estéticas» e das «necessidades que impeliram a poesia para novos rumos», quer pelos excessos da criação «obscura ou demasiado intelectual e simbolista de alguns poetas» ou, simplesmente, pelos defeitos dos «maus poetas», num meio cultural a que não faltou «o silêncio ou o compadrio vergonhosos da pseudo crítica oficial». Ora, segundo Namorado, a arte moderna, pelas próprias condições históricas em que surgiu – quando em «fins do século XIX e princípios do século XX, a vida agita-se, dinamiza-se, embrulha-se, e faz-se sentir a necessidade de remodelações e conclusões profundas» –, implica uma posição perante as profundas transformações sociais e culturais, pelo que a criação artística «marca sempre uma atitude perante a sociedade: ou de indiferença ou de comunhão e integração.» Neste sentido, afirma: «a condições de vida mais dinâmicas, devia corresponder uma forma mais plástica e expressiva.» E, além do mais, na sua

íntima relação com conteúdos novos, «a forma deve ser o fundo, constituir o ambiente que maior [força] expressiva dê à ideia.»

Estabelece, portanto, duas *condições* de realização da obra de arte: «A primeira condição é que o seu cultor seja verdadeiramente poeta», ao qual se coloca uma «segunda condição» que terá de consistir em «escolher a forma própria à sua expressão poética e a forma adequada a cada assunto.» Um pressuposto, porém, já Namorado havia introduzido na *condição* da arte constituir uma *expressão* própria que se não confunde com qualquer outro discurso, a saber:

A Arte não deve servir doutrinas nem formas políticas, mas para ser viva, palpitante, deve ser a voz duma época e duma forma social.

Com o triunfo da arte moderna, valorizando nesta, para efeitos estritamente analíticos, a criação poética, o jovem ensaísta identifica as suas tendências de renovação mais recentes, para lhes reconhecer uma viragem de ambiente que importa destacar:

A geração poética ricipiente, alguns livros de poemas publicados recentemente autorizam a afirmá-lo, não desmerecerá da anterior, embora pareça tender para um desvio de rumo, tomando mais contacto com a vida, caminhando para uma maior objectivação.

Entre os principais colaboradores: Fernando Namora (n.º esp., 1-3, 5-8; 1ª sér.); Fernando Baptista da Costa (n.º esp., 1-3, 5-8 ano I); Dias Coimbra (n.º esp., 6 ano I); Frederico Lopes (n.º esp., 1-3, 5-7 ano I; 1 ano II); Olívio de Carvalho (1, 3, 5, 8 ano I; 1-3, 5 ano II); António Tavares de Almeida (1, 3, 8 ano I; 1 ano II; 3, 5 ano III; 1-2 ano IV); José Abreu Nunes (1, 5 ano II); Manuel Murta (2, 6-7 ano II); Fernando Mendes (4, 7-8 ano II); José Augusto dos Santos Silva (1-2, 5 ano II); Eduardo Andrade Condé (1-2, 5 ano II); Manuel S. Rosa (5-6 ano II; 2-5 ano III); Luís Serpa dos Santos (4, 6 ano II; 4-5 ano III); Carlos de Oliveira (tb. pseud. de Carlos Ganda, 1-3, 3ª III); Egídio Namorado (2-5, ano III); Mário de Almeida (3-5 ano III); José T. Queirós (4-5 ano III); Rui Feijó (1 ano IV); José Brandão (1-3 ano IV); A. Costa Ramalho (2-3 ano IV).



ÁGORA
Revista de cultura universitária

Coimbra 1935-1936

Começou a publicar-se em Dezembro de 1935, sob a direcção de José Neiva, e totalizou três escassos números, o último dos quais de Fevereiro-Março de 1936, não sem deixar, a despeito da sua efemeridade, uma ressonância na juventude da época inúmeras vezes evocada e à qual não terá sido estranha a filiação num «Humanismo humanizador do Homem» inscrito, pelo patrocínio de Agostinho de Campos, no editorial de abertura intitulado *A idade diz à mocidade* em que declara «a sua praça literária larga, aonde virão desembocar as várias ruas da cidade estudiosa».

No mesmo número inicial, um *Soneto* assinado por Edgar Carneiro dava estes primeiros passos de um envolvimento individual que se reconhece parte de um todo:

*Vou por caminhos novos e floridos
 Buscar não sei que estranha formosura,
 E atrás de mim só oiço os meus gemidos
 E os soluços de toda a criatura.*

Num ensaio da responsabilidade do director, consagrado às relações entre a Universidade e a cultura e cujo título epigrafa uma expressão do professor Joaquim de Carvalho “*Em Coimbra não há estudantes... há escolares*” (n.º 2, Jan. 1936), encontramos uma ressonância, adaptada às circunstâncias de meio, da lição que Bento Caraça inscreveu em *A Cultura Integral do Indivíduo*. Da célebre conferência retém-se a definição de uma nova atitude intelectual, claramente enunciada numa integração do conhecimento na formação da personalidade que resulta na aprendizagem na actividade estudantil (mas

aqui também se evidencia como a lição de Caraça foi livremente apropriada):

Se considerarmos a cultura uma aspiração incessante, infinito que busca infinito, essa aspiração que o estudante realiza é a própria essência da cultura. O estudante é, conseqüentemente, como personalidade em formação, o símbolo mais perfeito da cultura em geral.

Ágora pode inscrever-se na maturação da problemática central «neo-realista» que consistiu na ideia de renovação sob uma integração da cultura no todo humano, tendo por motor uma consciência participativa:

O jovem necessita, porque é homem, criar para si deveres e direitos e sentir depois, como consequência lógica, responsabilidades.

Neste primeiro ponto de vista inscreve um segundo, que consiste em integrar na noção mais vasta de uma cultura humanística «a arte e a ciência [...] irrequieto e ávido de horizontes novos.» Em plano mais vasto ainda, José Neiva não esquece:

Um terceiro ponto de vista a atender, e não de pouca importância no momento social que atravessamos, é o da cultura material.

Aqui, pois, diz-se indispensável que a Universidade desenvolva simultaneamente uma pedagogia do desejo e uma pedagogia da cidadania, demonstrativas de que a mais profunda aspiração do indivíduo consciente da sua inserção social (do «homem culto», segundo Bento Caraça) é a constituição de uma comunidade de homens racionais e livres.

Obteve, entre outros, colaboração de José Neiva, Pereira da Silva, Políbio Gomes dos Santos, Amorim Girão e André Gil.



MOCIDADE ACADÉMICA

Revista cultural

Lisboa 1935-1936

Com redacção na R. Almirante Reis, em Lisboa, foi co-dirigida por Leão Penedo e Gentil Marques, no termo dos estudos secundários de ambos, entre 1 de Dezembro de 1935 e Setembro de 1936.

À semelhança de outras publicações de âmbito liceal, os responsáveis da revista procuraram alargar a sua difusão no meio escolar da capital, através de delegados; assim, distinguiu expressamente uma «Página do Liceu de Passos Manuel», as «Colunas do Liceu de D. João de Castro», uma «Página literária da escola Rodrigues Sampaio», além de outras dos colégios O Académico, Calipolense e Vasco da Gama e Escola Veiga Beirão.

Alguns indicadores sugerem uma prolongada e prévia preparação da revista, a dar fé, por exemplo, de uma nota de *Contratempo* no número inaugural que refere ter sido a redacção obrigada «a reduzir alguns artigos e a não publicar outros» num conjunto diversificado de colaborações. Desconhecendo-se a tiragem, os dois primeiros números esgotaram a edição.

Embora no primeiro editorial, intitulado *Com licença*, os jovens redactores tivessem professado uma postura em campo «somente literário e científico – cultura pela cultura», na busca de uma afirmação de práticas de criação intelectual, à maneira típica destas revistas e jornais escolares, a verdade é que não deixou de procurar a fixação de um «itinerário» a percorrer «pela Justiça e pela Razão.» Depressa assumindo-se como «portavoz das ideias da nova geração», a revista anunciou entre as *Nossas realizações* (n.º 2, Jan. 1936) uma colecção editorial que chegou a iniciar-se e o lançamento de dois jornais ou

«suplementos» que não viriam a público. Finalmente, ensaiou promover-se fora do próprio meio estudantil, através de uma reedição do n.º 5 com que terminou o título.

Entre os principais colaboradores, além dos nomes consagrados de Roberto Nobre (n.º 1), Macedo Mendes (1-2) e Rodrigues Lapa (2), podem destacar-se: Mário Mota (1-2); Gentil Marques (1-5); Leão Penedo (1-2); Sidónio Muralha (1-2); Afonso Marchueta (1-2); Vítor Sá Coelho (1-2); Manuel Martins (1, 3-4); António Marques Januário (2-4); José Inácio (2-4); José Estrela (3-4).



MENSAGEIRO DO RIBATEJO
Semanário regionalista

Vila Franca de Xira [1936]

Não correspondendo propriamente à fundação do semanário – que datava de 1930 e ia já no seu sétimo ano de publicação –, o período situado entre 1 de janeiro (n.º 305-306) e 23 de Agosto (n.º 332) de 1936 marca uma renovação profunda neste título vilafranquense. O encontro de jovens colaboradores nas páginas do semanário corresponde aos primeiros contornos de formação daquele a que foi chamado o «grupo neo-realista de Vila Franca», distante já da tertúlia «esperançosa» que se reunira em *Goal*. Assim, a partir do n.º 317 (10 Maio 1936), o próprio *design* geral foi alterado, surgindo novo cabeçalho que se sabe concebido por Júlio Goes, artista local que acompanhou a juventude de Alves Redol. Esta foi a época da célebre conferência de Redol sobre *Arte*.



A mudança na face visível deste periódico, correspondendo a um dos primeiros sinais de afirmação da vitalidade de uma jovem geração, teve contornos numa alteração (momentânea, é certo) da sua própria vida interna que o respectivo editorial põe em

evidência: «O número deste jornal é nova etapa do caminho encetado, há já 6 anos, e embora reconhecendo erros nela, entramos de consciência imaculada e frente erguida – com entusiasmo e élan.» Se uma trilogia de princípios anunciou vagamente um programa de «Juventude, Inquietação e Humanismo», um colaborador desconhecido (Carlos Sanches seria pseudónimo?) surge com importante artigo, em forma de *Algumas considerações sobre o Homem e a Sociedade* (n.º 308), propondo este ajuste de contas cultural e mental:

[...] *a engrenagem da sociedade continuará a ser perra enquanto o homem quiser pôr em pé os cadáveres dos seus mitos, numa vontade de parar que está em contradição com a própria natureza das coisas, e é a antítese da juventude e do poder criador.*

Na ausência de maior elevação teórica, foi na tradução de Henri Barbusse, sob o título de *Fragmentos de um testamento literário*, que os novos redactores apontaram o sentido estético a seguir: «as grandes correntes, as mobilizações e as batalhas da humanidade que elaboram o futuro, devem ocupar os que pretendem manifestar os reflexos da vida contemporânea. É desse drama colectivo e das suas irradiações que a literatura, que não pode guiar exclusiva e eternamente na análise psicológica em si, no caso particular, e nas variações desesperantes em torno do sentimentalismo puro, crescerá e se enriquecerá – embora dando aos sentimentos humanos o imenso lugar a que têm direito» (n.º 310).

Entre os colaboradores principais: R. Gois (n.º 305); Heliodoro Frescata (305); Jaime Brasil (305); Garcez da Silva (305, 309, 311-312, 316-317, 319, 332); Manuel Mota (305); Carvalho Araújo (305-307, 310-313, 317-318, 326, 330); António Dias Lourenço (307, 314, 320); Carlos Sanches (308); Bona da Silva (309, 311, 331, 317, 325, 330); Ilídio Nogueira (309); Alves Redol (311, 314, 315, 318, 329 *bis*, 330, 331).



MANIFESTO
Revista de arte e crítica

Coimbra 1936-1938

Com cinco números publicados de Janeiro de 1936 a Julho de 1938, sob a responsabilidade de Miguel Torga e Albano Nogueira, anteriormente dissidentes da *Presença*, esta outra revista abriu portas à colaboração da jovem geração que se circunscreveu, porém, aos três números de permeio. Se é conhecido o lugar, hoje comumente aceite, de oposição «conciliante» da revista (na expressão de Albano Nogueira) relativamente ao *presencismo* – não pode ainda deixar de considerar-se uma aproximação ideológica explicitada pelo apoio de Bento Caraça à publicação (em que efectivamente colaborou no n.º 3, com artigo sobre a *Organização escolar*), bem como pelas ligações hoje conhecidas de A. Nogueira a estruturas comunistas em que militava igualmente Fernando Lopes Graça na cidade universitária. Tais circunstâncias podem facilmente explicar as juvenis colaborações vindas de um grupo coimbrão, em vias de afirmação, que aqui faz o seu aparecimento na cena literária.

Chama, por isso, desde logo a atenção que, na *Via Pública* que passou a abrir os vários números, a coluna editorial do número inaugural inscreva uma memória de três grandes figuras desaparecidas no ano de 1935 sentindo «o dever de destacar», ao lado de Fernando Pessoa e René Crevel, a personalidade de Henri Barbusse «conhecido e admirado como um dos maiores da França contemporânea».

Um dos tópicos que assume especial significado na revista diz respeito à questão da *consciência como imperativo* do momento, e é posta em relevo por Albano Nogueira num artigo justamente intitulado *André Gide e o imperativo da consciência* (n.º 1), suscitado pela

polémica de que o autor de *Les Nourritures Terrestres* era então alvo pela discutida «conversão ao social», quer pelas novidades das suas *Nouvelles Nouritures*, quer pela adesão manifestada ao Congresso de Escritores para a Defesa da Cultura em 1935. O autor do artigo, na leitura que desdobra as linhas de uma dualidade na personalidade de Gide «ora profecta ora valor actual (isto é: sincrónico com certo momento)», considera coerente a revelação da «sua adesão a certo novo sistema social (adesão *sui generis* mas importantíssima)» como expressão de um escritor que, desse modo, «encontrou a justificação social do Indivíduo». E destaca-se ainda nesta atitude a importância que, ante os perigos de dogmatismo das doutrinas sociais, as ressalvas gideanas podem assumir num horizonte de mais vasta e generalizada vigilância da consciência crítica:

Simpatizante com uma nova doutrina social, por momentos ele parece esquecer que essa doutrina tem atrás de si, estruturando-a e vivificando-a, uma filosofia de acção: — o materialismo histórico.

E a ressalva, assumida pelo próprio autor do artigo (entre outras reflexões de enorme alcance, consiste no contributo «generoso e providencial» de Gide para que a «submissão a si» do indivíduo se não perca no «sacrificar a um mito, obedecer pela renúncia — e pouco importa que o mito seja originado pela palavra divina ou pela palavra humana divinizada.»

Todavia, o tópico que mais importa notar é o modo como o elemento social está presente, quer seja tomado como fundo de uma afirmação individual que se valoriza, quer seja a instância em busca de elaboração (teórica), organização (política) e voz (artística). Note-se que a *Lição histórica do «Fausto»* (n.º 1) é, para o autor do artigo, Paulo Quintela, «a tragédia perene do *homo historicus*», entalado entre a história que sufoca e a história que liberta: «a maldição da História», mas sempre *em* a história. O artigo

exemplifica, por isso, um aspecto importante do processo de transformação da consciência intelectual portuguesa em «todo o desespero da velha Europa de hoje perante o passado», o da imanência irreduzível da história, para o qual outros textos, nestas e noutras páginas, se encarregarão de encontrar um sentido.

A participação juvenil nesta publicação, não adquirindo nela propriamente autonomia, é sobretudo no domínio da criação poética, merecendo porém destaque a dupla colaboração crítica do jovem António Ramos de Almeida, a começar por um artigo em jeito de *Um depoimento... novos e velhos* (n.º 2, Fev. 1936) em que refuta as bases da oposição entre gerações quer num confronto biológico, quer num qualquer conflito irreconciliável entre razão, sentimento e experiência. Para o jovem ensaísta, a consciência dos «verdadeiros problemas agónicos do nosso momento» é a chave para «a nossa ânsia titânica de “renovação”» – a que conduz a uma unidade de formação e acção que deve caracterizar «a nossa cultura no sentido vivo e integral que esta palavra tem.» E a cultura é a compreensão do momento e a atitude perante ele, dando um nexo (se se quiser, um método) à inquietação juvenil com «a missão de realizar aquilo que os outros não realizaram.» E isso é falar do indivíduo que se transforma, transformando, como a *Lenda* que poeticamente Joaquim Namorado desfaz laicamente numa tríplice luta consigo mesmo, com os outros e com a realidade:

*... pelos caminhos em cruz
três vezes me dividi;
e em combates singulares,
em batalhas sem igual,
em transes de estranha angústia,
eu fui ficando aos pedaços
e aos pedaços fui morrendo...
... e, pouco a pouco,
surgi,*

*da luta,
um outro que agora sou,
alma amassada de angústia
nos tormentos dos naufrágios
que havia em mim.*

Encerrou o n.º 3 (Jul. 1936) com longas recensões sobre as mortes de Pavlov e Gorki, cujos significados para a ciência e para a literatura mundiais respectivamente se realçam. Suspendeu a publicação, com o número seguinte em Julho de 1937 e, finalmente, o n.º 5 em Julho de 1938, este último exclusivamente constituído por textos de Torga que, na *Via pública* com que encerra, sugere a acção da censura na impossibilidade de «arranjar uma palavra de conforto que se diga aos leitores do *Manifesto* por estas saídas enigmáticas e anuais, e a palavra não aparece!»

Para além das colaborações de Albano Nogueira (n.º 1-3), Miguel Torga (n.º 1-5), Branquinho da Fonseca (n.º 1), Paulo Quintela (n.º 1), F. Lopes Graça (n.º 1), Afonso Duarte (n.º 2), Carlos Sínde (n.º 2, 3), Sílvio Lima (n.º 2) e Bento de Jesus Caraça (n.º 3), contam-se as de Álvaro Salema (n.º 2), A. Ramos de Almeida (n.º 2, 4), Joaquim Namorado (n.º 3); Paulo Crato (n.º 3); João Farinha (n.º 3) e Vitorino Nemésio (n.º 4).



TRAPÉZIO
Movimento de arte positiva

Porto 1936

in Pensamento: revista mensal de divulgação social e científica, arte e literatura

Publicou, formalmente como suplemento, em 1936 apenas por duas vezes, nos n.º 73 (Abril) e 74 (Maio) do título principal. Sem direcção explícita, pode, no entanto, pensar-se que a iniciativa partiu do jovem Afonso de Castro Senda que, usando os dois primeiros nomes, tem esmagadoras referências nas diversas acções culturais promovidas pela página.

Não apenas em virtude do subtítulo, como pelo exclusivo de colaboração que surge em destaque no primeiro número, a figura de Abel Salazar tem forte ascendente neste projecto; terá sido mesmo quem estimulou a agregação de dois grupos juvenis, um dos quais designado por *Caminho*, do Porto, que incluiria Castro Senda e Abel Maria Vinha dos Santos, e um outro que, para além destes dois, reunia num clube de *Jovens Liras*, ainda alguns jovens provenientes de Braga e Famalicão, como Armando Bacelar e Lino Lima, que chegou a totalizar uma vintena de colaboradores mais assíduos. Aliás, antes da autonomização de *Trapézio* em suplemento, vários colaboradores jovens vinham assinando numa secção colectiva designada por *Marginália modernista*, desde Outubro de 1935, declarando reunir «poetas de alma jovem e de aspiração insatisfeita num mesmo esforço para uma resultante de Beleza e Arte pela Humanidade.» Prenunciando já aí um programa, os promotores estabeleceram os seus propósitos de afirmação de valores:

A tertúlia destina-se também a animar os novos – os que começam –, que muitas vezes valem mais que os “consagrados”, polarizando as suas energias numa mesma aspiração fecunda, e sincronizando-os num mesmo ritmo renovador.

Este cenáculo literário estendeu, todavia, prolongamentos esparsos de alguns jovens colaboradores, até Janeiro de 1937, na revista *Pensamento*, acabando por dispersar-se para outras publicações que tinham então maior proeminência.

O suplemento (ou secção) deixou expressa a influência dos ideais de «juventude, inquietação e humanismo», em potência desde a definição feita num jornal como *Gládio*, e declarou integrar um «movimento artístico de gente moça»; proclamou, porém, um *Movimento de arte positiva* que inscreveu como lema da publicação e cujo significado ficou patenteado no manifesto de abertura, um pouco à maneira futurista na forma, mas cujo conteúdo se desprende, no próprio título – *Nós* – e em termos que viriam a ser generalizados pela jovem geração:

Todo o artista é homem; motivo por que – sob pena de trair a sua geração – não podem ser-lhe indiferentes os problemas que se agitam na época em que vive: – Eis o princípio máximo sob que se cria Trapézio. Neste século em que cada minuto vale por um ano, Trapézio será o ponto onde há-de reflectir-se profundamente a tragédia do momento que passa, onde ecoarão soberanamente os gritos de angústia, de desespero, de heroísmo, lançados pelo espaço ao dealbar duma civilização – na idade da máquina.

Entre diversas actividades, projectou um programa de divulgação juvenil com palestras e exposições de arte, para além de uma linha editorial no campo da poesia e novela de que apenas se conhece um título de colecção.

Entre as palestras, ditas «de auto-cultura» e destacadas no suplemento, contou com as seguintes participações:

PALESTRANTE	TÍTULO
José António de Castro	<i>Ensaio sobre a poesia modernista</i>
Dinis Cupertino	<i>Dostoiewski e o seu drama</i>
Id.	<i>Aquilino Ribeiro e o seu virilismo</i>
Afonso de Castro Senda	<i>Breve análise à faceta filosófica de Zola</i>
Jaime de Almeida	<i>Acção e intenção dos humoristas</i>

Na colecção literária, sob a chancela de Edições Pensamento, o projecto *Trapézio* apenas editou um título, de co-autoria poética de Natália Bastos, Castro Senda, José António de Castro e Dinis Cupertino, *O Nosso Eu* (Porto 1936), embora tenha anunciado ainda o seguinte conjunto de obras (a primeira das quais veio a publicar-se em edição de autor):

AUTOR	TÍTULO	GÉNERO
Vinha dos Santos	<i>Riso Morto</i>	poesia
Mário Mota	<i>Traços de União</i>	poesia
Dinis Cupertino	<i>Sinusóides</i>	poesia
Id.	<i>Paisagem do Céu</i>	romance
Afonso de Castro	<i>Poemas da Humanidade e da Máquina</i>	poesia
José António de Castro	<i>Caravana</i>	poesia
Luiz de Sanjusto	<i>Rapsódia Pagã</i>	poesia

Principais colaborações no suplemento: Vinha dos Santos [n.º 1], Abel Salazar [1], Afonso de Castro Senda [2].



A VOZ DA MOCIDADE
Quinzenário da juventude

Lisboa 1936

Com 8 números publicados em 1936, de 1 de Maio e 20 de Setembro, o jornal foi dirigido e em grande parte redigido por Alexandre Cabral, ainda com o nome civil de José dos Santos Cabral, além do «pseudónimo estúrdio» de Z. Larkak que veio a utilizar até ao final da década, em particular nos jornais e revistas juvenis em que então bastamente colaborou, incluindo a gravação de inúmeras ilustrações. Foi redactor principal José Ilharco, que viria a prosseguir carreira jornalística no *Diário de Notícias*.

Na generalidade, o interesse das colaborações literárias reside nessa característica, comum a estes jornais de moços entre a adolescência e a juventude, de uma irreprimível vontade de revelação de valores, de espontâneo impulso em participar, em aparecer a público através das letras.

Completamente preparado, o n.º 9 não chegou a publicar-se, em finais de Setembro, por directa acção da censura, deixando atrás de si um impulso de difusão alargada entre um «Núcleo de Amigos de *A Voz da Mocidade*» constituído no Ateneu Comercial de Lisboa a que estavam ligados os mais activos agitadores juvenis da publicação: Nelson Coimbra, Joaquim José Barata e Francisco Ventura.

Além dos artigos do director, destacam-se as colaborações: Nogueira de Brito (n.º 1); José Ilharco (n.º 2); Fernando Augusto (n.º 4, 6, 7).



HERALDO
Semanário republicano, regionalista e de cultura

Lousada [1936-1938]

Jornal editado com evidente modéstia de recursos, preenchendo uma só folha de impressão de má qualidade tipográfica, sob a direcção de João Matos da Silva Neto e Antero de Sousa Pacheco. Não autonomizando as juvenis colaborações culturais num espaço próprio da publicação, o agrupamento de moços escritores situa-se, porém, no nível das acções desenvolvidas pelos suplementos e páginas culturais, inserindo entre o n.º 265 (11 Jul. 1936) e o n.º 350 (5 Mar. 1938) artigos de índole literária na órbita da actividade de uma «tertúlia autodidacta» que haveria de estender-se a outras publicações. Sendo muito moderadas as referências político-ideológicas de fundo, o primeiro artigo do grupo, da autoria de Z. Larbak (i. e. Alexandre Cabral), versava sobre o espectro da guerra na Europa perante a qual advogava uma atitude pacifista: «Toda a juventude deve protestar contra essa crueldade, contra os homens que inexoravelmente pretendem lançar a mais bela *força* duma nação na louca voragem da exterminação da outra». Outro artigo do mesmo autor, em que interroga *Em que pensas mocidade?* (n.º 272, 29 Ag. 1936) e viria a ser saudado pela direcção do jornal, denuncia o desinteresse juvenil perante a realidade do seu tempo: «A mocidade moderna está infelizmente muito vazia de ideias»; advogava, por isso, uma consciência participativa da juventude, «que temos de transformá-la em irredutível baluarte para que nos abriguemos das borrascas tumultuosas da vida.»

Ainda o mesmo autor assina em *Considerações sobre cinema* (n.º 302, 3 Abr. 1937) uma opção, ainda que vaga, «pela beleza do real». Para além de algumas produções poéticas

de fraco nível, a maior parte das colaborações é do domínio da crónica jornalística, geralmente moralista e altruísta, na defesa das grandes virtudes e dos bons costumes.

Dispersas, as colaborações foram essencialmente: Alexandre Cabral, Fernando Augusto, Mário Mota e João Tendeiro.



PÁGINA DA GENTE MOÇA

Anadia 1937-1939

In *A Ideia livre: semanário republicano e defensor dos interesses da Bairrada*

Com 25 números publicados entre 30 de Janeiro de 1937 e 22 de Abril de 1939, a página literária foi inicialmente dirigida por Augusto Machado Franco, ao qual depois se juntaram os nomes de Correia Pinto e Luís Vieira (n.º 9, 7 Ag. 1937). O primeiro haveria de afastar-se, em seguida (n.º 12, 6 Nov. 1937), para fundar a *Página dos Novos* no semanário *Independência d'Águeda*, perdendo manifesto interesse a página anadiense na fase em que a colaboração foi, quase em exclusivo, assegurada pelos dois directores sobreviventes.

Á semelhança de muitos artigos posteriores da redacção, o editorial de abertura apostado *No início* denota, com a indicação do local em que foi redigido, ser a página literária uma iniciativa autónoma de jovens estudantes que ainda «não fizeram transpor a casa dos vinte»; além do mais, tinha origem em Coimbra, conforme o seu director revelava *Do meu cantinho...* (n.º 2, 6 Mar. 1937) a razão para um atraso de meses no reatamento da publicação: «Motivos imperiosos, entre os quais os afazeres universitários e escolares de quantos nela colaboram», mas não deixa de sugerir «ainda outros não menos fortes contra os quais nada podemos» de proveniência censória. Numa coluna de *Comentário*, um artigo que definia o que se entendia então por *Ser jovem...* (n.º 2), subscrito pelas

iniciais J. N. (Joaquim Namorado?), dava fé da perspectiva ideológica dos seus colaboradores: «É a consciência da agudeza destes problemas [sociais contemporâneos] que nos dá, a nós – parte sã da mocidade – o carácter de Juventude».

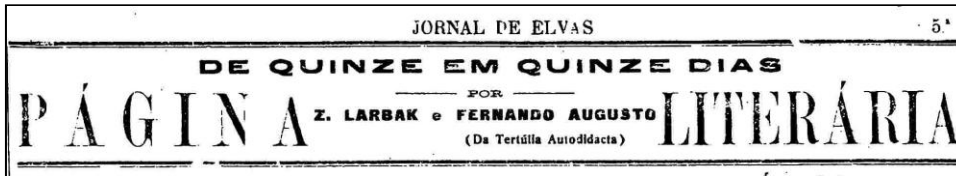
Esta página começou por divulgar sobretudo um conjunto de criações poéticas de jovens ligados a um «grupo neo-realista» coimbrão, entre os quais foi particularmente saudada pelos responsáveis da página a revelação de Carlos de Oliveira, então apenas com 15 anos, com um pujante *Grito* metafórico de uma busca de si mesmo, do sujeito perante um ambiente hostil (n.º 6, 22 Maio 1937):

*Com este vento assim,
rotas as velas
o que vai ser de mim, o que vai ser de mim
neste mar sem fim,
nesta jangada podre
– tudo quanto ficou de velhas caravelas... [...]
Nas abóbadas côncavas
dos céus encapelados,
o eco da minha voz
responde rude e ateu:
– Um pobre doido, sem caprichos seus,
à espera de que os homens se melhorem
e transfigurem Deus!*

Depressa, na página literária passou a ter predomínio (a partir do n.º 6 e, sobretudo, do n.º 9) a divulgação de alguns dos principais escritores franceses, brasileiros e americanos do realismo social, além da difusão de clássicos da literatura numa coluna de *Antologia* (a partir do n.º 5, 8 Maio 1937), num cruzamento de influências ideológicas em que se inscreveram, lado a lado, o humanismo de Romain Rolland, as tendências psicológicas filiadas em Bergson ou um mutualismo à maneira de António Sérgio. Coincidente com a

extinção desta *página*, ainda surgiu no jornal anadiense uma juvenil *Secção Literária*.

Na página, entre as principais colaborações numa primeira fase: Augusto Machado Franco (n.º 1-3); J. Nascimento Matos (1-2) Álvaro Feijó (1-4); J. Mesquita Rodrigues (1); Antero Sobral (2-4); A. Vítor (2, 4); J. N. (Joaquim Namorado?, 2); Álvaro Fresta (3-4, 6); Políbio Gomes dos Santos (4); Fernando Namora (5); André Valmar (5, 7); Carlos de Oliveira (6); João José [Cochofel ?] (9); Carlos Nogueira de Sá (11, 13); Hanid Estela (pseud. de Alsácia Fontes Machado, 11, 13-14, 19); António Vítor (16).



PÁGINA LITERÁRIA
De quinze em quinze dias

Elvas 1937-1938

in Jornal de Elvas: órgão noticioso dos concelhos de Elvas, Campo Maior, Monforte e Arronches

Com a redacção expressamente sedeadada em Lisboa, no Campo dos Mártires da Pátria, a página foi dirigida por Z. Larbak (i. e., Alexandre Cabral) e Fernando Augusto, sob a égide da denominada «Tertúlia Autodidacta». Incluindo colaboração quase exclusiva dos promotores, surgiu em dezasseis edições, de 4 de Abril de 1937 a 23 de Janeiro do ano seguinte, com autonomia do título principal que se manifestava fervoroso transmissor da política salazarista.

O editorial escrito *Para abrir...* e assinado pelo pseudónimo juvenil de Alexandre Cabral (*A Ideia Livre*, n.º 484) fixava um mote que viria a ser repetido por este tipo de páginas: «Pouco há a dizer. “Página Literária” diz tudo.» E acrescentava o entendimento programático que a expressa ausência de programa significava já num contexto de relacionamento dos *movimentos culturais juvenis* entre si: «Sem jactância de servir de escora ao movimento intelectual que impulsiona o mundo e marca a época contemporânea, se abre, se inicia a “Página Literária” com o fim de formarmos a nossa mentalidade para a finalidade mental colectiva.»

Embora sejam concedidos louvores a um vigor inegável da geração *presencista*, como no artigo que Fernando Augusto dedica a *José Régio* (n.º 492, 30 Maio 1937), não deixa de sobrevalorizar-se o papel do artista quando o mesmo autor encara *O problema da moral na obra de Z. Larbak* (n.º 496, 27 Jun. 1937) e estabelece a importância do valor social da obra em função da trilogia Amor-Fraternidade-Humanidade.

É idêntico o sentido do perfil literário que Alexandre Cabral conferira à estética de um jovem então promissor, *António Pereira, lírico e humanista* (n.º 486, 18 Abr. 1937), ao afirmar que este «não segue imposições de qualquer escola», seja o ruralismo naturalista de um «lirismo campestre», sejam os recursos populistas de um «tranglo-mango popular, quase sempre antiestético», seja o romantismo preso «pela pieguice do poetaço» ou as tematizações «do abstracto»; quando sustenta que um tal poeta «vai mais longe», pensa que «ele devassa o seu íntimo, devassando as belezas e os poderes da Humanidade.» Mais adiante, num artigo *Em prol da cultura e da felicidade humana* (n.º 501, 1 Ag. 1937), Cabral irá esclarecer que, na perspectiva de uma nova sociedade que «caminha ou procura caminhar para uma felicidade humana mais estável», esses *poderes de Humanidade* que ao poeta cumpre *devassar* residem enfim no grau de cultura dos indivíduos: «E esse poder [...] advindo de uma superioridade mental sobre a individualidade rude, só adquire dinamismo sob o fluxo cultural.»

Para além desta publicação, em simultâneo com outra *Página Literária* no regional *Écos do Alcoa*, esta *Tertúlia Autodidacta* promoveu a difusão do programa radiofónico «O minuto cultural» ainda com a participação de António de Sousa e Mário Mota.

Colaboração da página, para além dos dois directores em todas as edições: António Pereira e Augusto César Borges (n.º 495).



PÁGINA LITERÁRIA

De mês em mês

Alcobaça 1937-1938

In *Ecos do Alcoa: semanário regionalista ao serviço da Nação e do Concelho de Alcobaça*

Sem cumprir a periodicidade mensal que ostentava no cabeçalho, esta página autónoma não foi além de seis secções, publicadas de 4 de Julho de 1937 e 19 de Junho do seguinte ano (apenas numeradas a partir do n.º 4), efemeridade a que pode não ter sido estranha a natureza ideológica do título principal, alinhado no mais fervoroso salazarismo a que uma frequente *Página anticomunista* dava o mote geral.

Com domicílio na Rua Visconde de Santarém, em Lisboa, foi dirigida e quase totalmente redigida por Mário Mota, sem explicitar uma linha de orientação ideológica fora do quadro estritamente literário em que no essencial as colaborações recebidas se moveram. O artigo de fundo na edição de lançamento, em torno *Do verso moderno. Ensaio I* (n.º 347 de *Ecos do Alcoa*, não tendo continuação), faz uma apologia genérica do modernismo, que considera iniciado por Sá-Carneiro e Gomes Leal, «perpétuos fundadores da nova poesia», e finalmente consagrado nestes termos:

A nova poesia surgiu... O grito do alarme soa ainda fazendo brilhar nos novos artistas a sombra que os antigos lhes legaram, a arte de poetas.

E esse número ilustrava ainda com uma poesia de José Régio. Já no n.º 4 (21 Nov. 1937) surge finalmente esta actualização em artigo sobre *Problemas culturais*, igualmente assinado pelo director da página, que mostra o panorama de hesitações então vivido:

Tem sido difícil, é certo, fazer acordar esses espíritos adormecidos que nem sequer pensavam que havia qualquer coisa de útil e de agradável, [...] sim uma educação nova,

nova para todos e duma utilidade viva para a vida. [...] Compete aos escritores, aos cantores da vida humana, o indicar e o desenhar em páginas simples e sinceras todos os movimentos, todos os realismos da vida.

Para além de Mário Mota, em todas as edições, ainda assinaram: António Pereira [n.º 1, 2]; Fernando Augusto [3], Cândido Torresão (4); José Estrela (4); Alexandre Cabral (4); Ruy Chacal (Eugénio de Andrade, 5).



PÁGINA DOS NOVOS

Águeda 1937-1940

in *Independência de Águeda: semanário republicano*

Com sede da redacção na Rua Borges Carneiro em Coimbra, mais tarde na R. de S. Salvador, o n.º 1 veio a lume em 23 Outubro 1937 com o título *Falam os novos*, com que a página foi saudada nos suplementos juvenis de então, e publicou ao todo 38 números até 2 de Novembro de 1940. Foi uma das páginas literárias de maior longevidade e mais variada colaboração nos *movimentos culturais juvenis dos anos trinta*, começando com uma co-direcção de Augusto Machado Franco (que anteriormente fundara a **Página da Gente Moça**, no anadiense *A Ideia Livre*, da qual recebeu o figurino essencial) e Henrique Santo; na fase final, teve João Nobre como director (a partir do n.º 28, 16 Dez. 1939).

No texto de apresentação editorial, intitulado *Falam os novos* e assinado por Machado Franco, professou um programa básico que iria nortear os suplementos homólogos: «Nada mais desejamos do que dar o nosso contributo [...] à causa da cultura.» E, no remate, contribuiu desta forma para a noção de juventude que faria igualmente voga:

E não se suponha que ser novo é ter menos de trinta anos ou, como nós, ter nascido durante a guerra. Ser novo não é função da idade; ser novo é função do espírito [...].

Ser novo é viver a sua época e depois, e sempre, progredir, aperfeiçoando-se, estudando-se na grande escola que é o mundo.



Já no segundo número, o suplemento traz o título de *Página dos Novos*, que irá manter-se, mesmo depois de alterado o cabeçalho, com ilustração de Santos Abranches. Além das juvenis colaborações literárias, deu lastro à divulgação antológica de autores estrangeiros numa coluna de «Textos culturais» (a partir do n.º 2, 6 Nov. 1937) e de «Textos escolhidos» (após o n.º 10, 12 Mar. 1938), nomeadamente os escritores brasileiros do romance nordestino, como Jorge Amado e Amando Fontes, no claro intuito de desvendar as novas tendências da época. O ensajo ia ao encontro de uma perspectiva da arte moderna, segundo um *Subsídio para compreender a nova poesia* que André Valmar (pseudónimo de José António Castro) entende generalizar, mais do que o modernismo, a corrente do século era assim definida:

É um movimento renovador que visou, como todos os movimentos literários, a essência e não a forma. Difere deles apenas naquilo que os respectivos períodos históricos possuem de diverso.

Pressupondo a herança modernista como um todo, Valmar termina com esta perspectiva promissora dos desenlaces actuais da arte moderna: «Na geração que agora começa a revelar-se há nítidos prometimentos.»

A afirmação de novas perspectivas, ainda sem assomos polémicos radicais com outras correntes e figuras do campo cultural e intelectual, ficou ainda patente, por exemplo,

num artigo de Luís Vieira (pseud. de Fernando Marta, já então ligado à redacção de *Sol Nascente* estabelecida em Coimbra) sobre *António Sérgio* (n.º 14, 7 Maio 1938), ao qual nota timidamente o «excessivo apego a algumas ideias velhas ou simplesmente inadequadas ao momento histórico em que vivemos». Viria a ser, porém, patente uma radicalização sob esta mediação da história numa crítica de André Correia a *O primado do subjectivo* (n.º 26, 13 Maio 1939), na qual acompanhamos esta leitura:

[...] *as tendências irracionistas e místicas em filosofia, o subjectivismo em estética, o individualismo nietzscheano em moral e em política – tudo são manifestações consequentes de um fenómeno único de subjectivismo latente no espírito do homem do nosso século.*
 [...] *O subjectivismo reflecte nos espíritos a desorientação e a confusão das forças económicas.*

Entre os colaboradores contaram-se, jovens e menos jovens: A. Machado Franco (n.º 1, 6-8, 10-12, 14-15, 17-20, 22-23, 25); Henrique Santo (1-2, 5-6, 14-15); Alsácia Fontes Machado (ou pseud. Hanid Estela, 2, 4-5, 7-8, 10-13, 19, 21, 24-25); Álvaro Feijó (3); Francisco Barrocas (3); Justino Augusto (4); A. Santos Abranches (4, 8, 14, 17-18); Domingues de Carvalho (6); Afonso de Castro Senda (9); André Valmar (9); Vicente Campinas (13, 24); Luís Vieira (Fernando Marta, 14); Fernando Namora (18, 23); Manuel Marques (20); António Pereira (21); Luís Albergaria (22); Carlos Relvas (i. e. Armando Bacelar, 23); Liberato Gouveia (24); André Correia (26); Bento de Jesus Caraça (31); Políbio Gomes dos Santos (34).



CADERNOS DA JUVENTUDE
Ensaio, novela, poesia, inquérito

Coimbra 1937

Número único, estes *Cadernos* foram publicados em finais de 1937, malograda a sua circulação por ordem do Governo Civil de Coimbra em cujo pátio foi integralmente queimada a tiragem. A natureza da publicação, pode ler-se no prefácio, pretendia marcar um passo novo no panorama cultural português, antes de mais:

[...] *notava-se a falta de uma tentativa de reunir em volumes separados, completamente independentes uns dos outros, e sem encargos de periodicidade certa, as manifestações da actividade da juventude nos seus aspectos culturais mais importantes: ensaio, novela, poesia.*

Ressuma ainda esta outra declaração de princípio de uma nova geração, a da sua justificação:

[...] *para nós, a juventude vale na medida em que possui a consciência da sua universalidade e a noção bem viva da sua posição no mundo como elemento de fecunda transformação.*

São palavras duplamente esclarecedoras. Desde logo, porque nelas já é perceptível a fixação de uma posição ideológica cuja novidade, enformada pelo materialismo histórico, é explicitada pela identificação da juventude como vanguarda portadora de sentido ao devir histórico. Em segundo lugar, porque nelas se menciona a fixação de um projecto estético de conjunto, através de uma colecção de ensaios, novelas e poesias, o que significa que a génese histórica do «Novo Cancioneiro» e dos «Novos Prosadores» deve procurar-se mais longe que o habitual, do mesmo modo que a génese do movimento neo-realista se fixa com precisão no lento, dialéctico processo de evolução dos *movimentos culturais juvenis* característicos dos *anos trinta*.

Os temas da *nova cultura* aparecem neste volume compósito. Manuel Filipe tece *Considerações sobre a missão do intelectual e o problema da cultura*, Abel Salazar responde a um *Inquérito*; Manuel da Fonseca, Álvaro Bandeira (i. e. Joaquim Namorado) e Políbio Gomes dos Santos publicam poemas, Frederico Alves edita um conto e Fernando Namora estampa uma gravura. Segundo eco registado, em 4 de Dezembro de 1937, na ***Página dos Novos*** do *Independência d'Águeda*, este número dos Cadernos deveria ainda

incluir colaboração poética, que não se concretizou, de Mário Dionísio (*Poema do sacrifício sublime*) e Paulo Crato (*Per omnia saecula*).



O DIABO
Semanário de literatura e crítica

Lisboa [1937]-1940

Foi fundado por Horácio Virgílio da Cunha em 1 de Junho de 1934 com um número espécime de lançamento, sob a direcção de Artur Inês e a predominante colaboração de uma velha esquerda republicana; a sucessão de nomes prestigiados no meio cultural tradicional que, ao longo do primeiro triénio, alternaram na responsabilidade directiva reproduz, de algum modo, a oscilação da esquerda intelectual entre o peso das figuras com formação republicana e outras de filiação anarquista, em ambos os casos com larga experiência jornalística.

Seja como for, o semanário manteve-se como título de referência que é visível na generalidade da imprensa juvenil da época de acordo com as propostas culturais da intelectualidade tradicional, que constituiu por algum tempo expressão da oposição de tipo «reviralista» ao fascismo e à cultura do Estado Novo. Com o tempo, perdeu gradualmente adesão, sobretudo devido à descolagem entre as intenções de revitalização cultural e finalidade social e a inabilidade de programas pequeno-burgueses, meramente intelectuais, corresponderem ao público que veio a acercar-se do jornal.

O aparecimento de uma jovem geração que se foi armando ideologicamente no materialismo histórico e dialéctico (coincidindo com uma crise financeira que o jornal viveu no verão/outono de 1937), levando ao termo da direcção de Brás Burity (pseud. literário de Joaquim Madureira) e a uma paragem na publicação durante cerca de quatro meses, agravou aquela que constituiu afinal uma verdadeira crise de identidade cultural.

Finalmente, quando ressurgiu com o n.º 160 (17 Out.), sob a direcção do médico Adolfo Barbosa, *O Diabo* mal escondia as alterações profundas que estava a sofrer: a partir do n.º 164 (14 Nov.) acentuou-se o predomínio da geração que, em torno das figuras de Mário Dionísio e Jorge Domingues (promovidos à redacção), Alves Redol, Manuel Filipe e Frederico Alves, verdadeiramente passou a dinamizar a acção do jornal, tanto internamente (do ponto de vista da criação literária) como virada para o exterior (através da dinamização sociocultural); neste mesmo fascículo, Mário Ramos inscreveu a defesa de «um sistema filosófico», o «materialismo consequente» baseado no «mais fecundo discípulo de Hegel», cuja relação da consciência com a realidade material coloca definitivamente o homem como «o autor da sua própria história». Aplaudida, entre outros, por Joaquim Namorado e Ramos de Almeida, através de cartas mencionadas pela redacção, esta perspectiva reforçava ideologicamente o desdobramento de inúmeros outros jovens que acedem a colaborar com entusiasmo nas páginas do semanário.

A partir deste ponto, o tempo encarregou-se do resto: em definitivo, já o n.º 222 (24 Dez.) de 1938, marca o início de uma linha editorial inteiramente nova com um editorial intitulado «Europeização» (escrito por Jorge Domingues), em nome de uma universalidade da cultura que consagrava o princípio de transformação da sociedade:

As ideias em si nada podem realizar. Necessitam de uma força que as concretize e essa força é a dos homens. Os homens efectivam as ideias com a sua acção quotidiana.

Deste modo, «'O Diabo', com o modesto papel que desempenha na vida mental do país, está disposto a trabalhar infatigavelmente» por essa força transformadora, «levando-a ao conhecimento de todas as inquietações do momento presente».

Assegurada uma hegemonia intelectual que o jornal, em breve dirigido por Guilherme Morgado, não deixou de exhibir através da publicação de longas listas dos escritores que nas suas páginas colaboravam, o predomínio radicalizou-se em forma mais estreitamente política, com a entrada de Fernando Piteira Santos e Álvaro Cunhal para a redacção do semanário. O editorial que marca a derradeira transição na vida interna do jornal sai no n.º 274 (23 Dez. 1939) e tem por título *Cultura portuguesa e Cultura universal*, com um tratamento da questão da cultura que lembra várias intervenções de Piteira Santos na época. Invocando explicitamente a ruptura que o anterior editorial sobre *Europeização* havia constituído, este outro procurava superar um enfoque na arte e na literatura e assinalava afinal uma nova ruptura que deslocava o papel dos intelectuais para um campo geral da cultura, entendido como terreno da própria revolução em que a simbiose com as massas resultava directamente da simples junção das ideias com a prática.

Porque uma Cultura é, a um tempo, um conjunto de ideias e a realização prática dessas ideias, uma regra normativa e a sua própria execução.

Dois números após, já sob a direcção de Manuel Campos Lima, um *Aviso prévio* de Álvaro Cunhal estremava os campos de um terreno político já praticamente explicitado como «um rompimento e uma nova arrumação de forças». No n.º 276 (6 Jan. 1940), esclarecia que «se quebram bruscamente uniões de combate» quando, como então (ante a surpresa do pacto germano-soviético), «uma situação nova pode colocar na impossibilidade duma mesma atitude homens que em tempos acordaram caminhar

juntos.» Assim permaneceria o semanário até à suspensão determinada por medida de polícia no n.º 326 (21 Dez.) de 1940.

Principais colaborações a partir de meados de 1936: Abel Salazar (n.º 105, 107-108, 110, 112, 114-119, 121-123, 125, 127-128, 130-132, 134-135, 139, 141-144, 146-147, 149-150, 152, 154, 156-161, 170-175, 179, 181, 183, 186, 188, 190-193, 195-196, 198, 200, 202, 204, 206-208, 211, 214, 216, 219, 222-232, 238, 240-241, 243, 245, 247-248, 258-259, 262, 267, 269-270, 275, 284, 287-289, 291-292, 294-299, 302, 304, 306, 310); Bento de Jesus Caraça (105, 223, 293, 297, 301); Avelino Cunhal (109, 123-126, 128-129, 135, 140, 179, 185, 226, 248, 259, 280); Faure da Rosa (112, 322); Manuel Filipe (122, 126, 139, 166, 171, 183, 189, 196, 199, 213, 215, 217, 221, 229, 232, 276, 302, 304); Alves Redol (127, 129, 139, 141, 150, 155, 203, 236, 243, 246, 257, 275, 285, 301, 308, 320); Afonso de Castro Senda (151-152, 154, 156, 159-160, 165, 171, 173, 175, 180-181, 188, 191, 193, 196, 206, 208, 216, 219, 224, 230-231); Mando Martins (ou Armando Martins, 161, 167, 173, 179, 185, 190, 196); Mário Dionísio (164-165, 167, 176, 187, 197, 222-223, 225-234, 236-250); Mário Ramos (164, 168); Assis Esperança (166, 168-169, 171, 173-174, 177, 185, 194-195, 199, 201, 206, 208, 215, 220); Jorge Domingues (169, 176, 177, 181, 223); João Pedro de Andrade (170, 174-175, 184, 198, 209, 211, 219, 221, 225, 228, 230, 232-233, 235, 237, 239, 243, 246-247, 250, 253-255, 257-259, 262-263, 265-268, 271-273, 275-276, 282, 284, 287, 292-293, 297, 300, 302, 305, 308, 310, 312, 315, 324-325); Manuel da Fonseca (171, 187, 197, 225-226, 228, 234, 239, 242, 248, 251, 254, 257, 263-264, 273, 283, 288, 291, 302); Álvaro Marinha de Campos (176, 181, 228, 240, 251, 253, 257, 259, 261, 265-266, 271, 273, 279-280, 282, 284, 286, 303, 309, 312, 317, 325); António Ramos de Almeida (176, 225-226, 229, 238, 250, 258-259, 271, 313, 315, 317, 320); Frederico Alves (176, 178, 181, 185, 205, 223-225); António Dias Lourenço (185, 205, 207); António Garcez da Silva (188, 192, 203, 273, 297, 313); Bona da Silva (193, 219, 254, 265); João Rubem (197, 199, 208, 211, 213-214, 283, 285, 294); Arquimedes da Silva Santos (203, 247, 270, 292, 307); Mário Rodrigues Faria (207, 250, 256, 258, 261, 263, 269, 281, 286, 289, 309); Amorim de Carvalho (210, 222); Armando Ventura Ferreira (219, 222, 243); João Alberto (219-220, 241, 247, 249, 252, 255, 277-278); Joaquim Namorado (223, 225, 227-228, 234, 238, 248, 255, 262, 266-268, 277, 281-282, 284, 301, 309, 321-322, 324); Álvaro Cunha1 (n.º 224, 233, 237, 240, 276, 285, 288, 290); Fernando Namora (224, 236, 244, 263, 266, 320); João José Cochofel (224, 230, 246, 257, 324); Fernando Piteira Santos (236, 244, 247, 251, 254, 257-258, 263-264, 268, 271, 273-276, 279, 292, 299, 305, 307, 309, 314, 318, 326); Manuel Campos Lima (238, 255-257, 262, 264, 267, 269, 272, 275, 277, 282, 285, 288, 290, 296, 303, 306-309, 311-312, 319, 322); Manuel Mendes (240, 244, 248); Armindo Rodrigues (246); José Gomes Ferreira (249); Rodrigo Soares (249, 264-266, 293, 301, 304, 312, 314, 316-317, 320); Manuel de Azevedo (253, 255, 258, 260, 261, 263, 269, 278-279, 286, 290, 326); Soeiro Pereira Gomes (255, 267, 307, 315, 317); Afonso Ribeiro (260, 262, 308, 310); Manuel Ribeiro de Pavia (293, 299); Álvaro Feijó (304, 311, 313, 324).



SOL NASCENTE
Quinzenário de ciência, arte e crítica

Porto / Coimbra 1937-1940

Sob uma comissão directiva formada por Lobão Vital, Carlos F. Barroso e Soares Lopes, e a edição da responsabilidade legal de Dilermando Marinho, publicou o primeiro número em 30 de Janeiro de 1937. Depois de algumas composições nos seus órgãos, entre as quais o afastamento de Vital ao fim de quatro números, a revista passou

por uma longa fase de domínio de um grupo (editor) de discípulos neopositivistas de «esquerda» de Abel Salazar; não deixaram de surgir, porém, colaborações esparsas de escritores que se situariam no neo-realismo, no fundamental pela posição que Manuel de Azevedo manteve na redacção de forma duradoura.

Numa linha com sobressaltos nem sempre nítidos, pode definir-se que, a partir do n.º 21 (15 Dez.) de 1937 e até ao duplo e último n.º 43-44 (Mar.) de 1940, foi exercido em *Sol Nascente* um domínio conjunto dos chamados grupos neo-realistas do Porto e Coimbra, imprimindo à revista um esclarecimento ideológico que outras publicações não superaram. Nesse fascículo que marca o início de uma viragem, Jofre Amaral Nogueira demarca a jovem geração do pensamento sergiano, escrevendo um *Comentário para compreender* em nome de um pensamento dialéctico recolhido explicitamente nas *Teses Sobre Feuerbach*. Em breve, bate-se *Por uma nova fixação de valores* em arte e *Sobre a necessidade de ver claro* na construção da obra artística, conforme artigos de João Pedro de Andrade e Mário Dionísio, respectivamente (n.º 26, 15 Mar. 1938). E, uma vez mais, Amaral Nogueira exorta ao estabelecimento preciso do *Papel duma nova geração* (n.º 28, 15 Abr., 1938).

Sem, no entanto, alterar formalmente a propriedade do grupo editor, a direcção redactorial altera-se definitivamente e, por iniciativa de Joaquim Namorado (efusivamente aplaudido por Rodrigo Soares), passa a denominar-se *Revista do pensamento jovem* (n.º 33, 1 Jan., 1939), na altura em que a redacção se fixa em Coimbra. Norteadada pelo pensamento marxista ou, conforme referia um editorial (n.º 34, 1 mar., 1939), pelo pensamento *diamático*, exerceu uma influência de fundo como farol ideológico da jovem geração: a redacção era já nessa altura chefiada por Rodrigo Soares (ou, antes, Fernando Pinto Loureiro), tendo Armando Bacelar por braço direito.

A própria iconografia da revista entreabre as linhas de força das perspectivas estéticas

que então se descobriam, se se atentar, por exemplo, no contraste entre o vigor drástico das formas físicas imprimido por Somar e o lirismo graciosamente insinuante de Huertas Lobo.



Ilustrações em *Sol Nascente*, respectivamente n.º 36 e 41

Certamente, a quantidade de documentação existente em alguns arquivos, tanto públicos como particulares, pede um desenvolvimento, em trabalho próprio, da história deste periódico, para além do que, sendo insuficiente, se vislumbra nas páginas impressas.

Principais colaborações: André Valmar (i. e. Lobão Vital, n.º 1, 4, 40, 42); Armando Martins (4, 9, 13-15; 17-18, 20-21, 23-24, 27, 32); Frederico Alves (4, 24, 29); Abel Salazar (4-5, 7-17, 19-33; 36); João Alberto (4, 8, 15, 22-23, 25, 27, 29, 31, 38); Afonso Ribeiro (5, 7, 9-10, 12, 16-18, 22, 24-25, 28-29, 32, 35, 41); Mário Dionísio (7, 12-13, 26); João Pedro de Andrade (8, 24, 26, 28, 30-31, 33, 34, 36); Manuel de Azevedo (8, 19, 24-25, 33, 36, 39, 42-43/44); Manuel Filipe (10, 18, 21, 24, 27); Armando Ventura Ferreira (11, 27, 30); Rodrigo Soares (pseud. de F. Pinto Loureiro, 11, 32, 36, 38-41, 43/44); Runo Fraga (14, 16, 18, 21); Álvaro Salema (17, 21-23); Jofre Amaral Nogueira (19, 21, 28, 30); João José Cochofel (27); Fernando Namora (28, 30); Mário Sacramento (28); António Ramos de Almeida (29, 32, 34-35, 38, 40, 42); Alves Redol (29-30, 34); Joaquim Namorado (29, 34-35, 38, 40-43/44); Amorim de Carvalho (30-31); Mário Rodrigues Faria (33, 36, 40); Carlos Relvas (i. e. Armando Bacelar, 35, 41-42); Fernando Piteira Santos (36); Manuel da Fonseca (38); Álvaro Cunhal (39); Arquimedes da Silva Santos (40).



DA GENTE MOÇA

Viseu 1938-1939

in O Trabalho, semanário republicano

Foi dirigido por Lobão Vital e Maria Selma (pseud. de Virgínia de Moura), com a redacção na R. do Paraíso, no Porto (então morada do casal, onde já estivera sediada a primeira redacção de *Sol Nascente*). Ao longo de 32 números que se prolongaram entre 10 de Fevereiro de 1938 e 6 de Abril de 1939, a página constituiu um exemplo de revelação literária de novos valores. Mas foi sobretudo tribuna típica de difusão cultural, de tipo enciclopédico, dos mais variados temas, como foi um verdadeiro dicionário de autores que, num friso histórico de grande amplitude, configuravam a busca de uma síntese criadora, de Martin du Gard, passando por Rolland, Huxley e H. G. Wells, a Graciliano Ramos e Lins do Rego...

O editorial que marca o *Princípio* desta página é esclarecedor sobre o papel que visavam as publicações congéneres desta – um inadiável encontro com a história:

Hoje, mais do que nunca, há a necessidade de definir uma posição, marcar uma directriz, entre o quadro angustiante e aflitivo da Europa actual.

E termina com o postulado de fundo que aponta para a utopia constituinte do Neo-Realismo: «o Novo de Hoje é sempre o Homem de Amanhã.»

Neste sentido, procurou fidelizar a participação do mais largo número de jovens, chamando nomeadamente a depor num extenso inquérito «No que pensa a juventude» sobre os temas da Cultura, da Civilização, da Arte, da Ciência, enquadrados pela questão derradeira que consistia em interrogar «O período que vive actualmente a Humanidade é de crescimento ou de decadência?»

Principais colaboradores: Afonso de Castro Senda (n.º 1, 6, 25); Armando Bacelar (incl. o pseud. Carlos Relvas, 4, 18, 22, 24, 28, 32); A. Vicente Campinas (11); Alexandre Cabral (21); Armando Ventura Ferreira (25, 27, 30); Fernando Namora (30).



PÁGINAS LITERÁRIAS

Coimbra 1938

in *Gazeta de Coimbra*

Fundado em 1911, o tri-semanário *Gazeta de Coimbra*, propriedade e edição dos irmãos Diamantino e João Ribeiro Arrobas, começou a publicar no dia 26 de Março de 1938 um suplemento, dirigido pelo poeta Campos de Figueiredo, de que saíram seis destacáveis dessas *Páginas Literárias*, todas do mesmo ano e a um ritmo mensal (apenas interrompido no período das férias estivais): 16 de Abril, 21 de Maio, 16 de Junho, 27 de Outubro e 17 de Novembro.

Em jeito de apresentação, pode ler-se na primeira *Página*:

Esta secção aparece, não para imitar o Diário de Lisboa, mas para inscrever nas colunas da Gazeta, ao lado de nomes já conhecidos, os de alguns jovens a que falta meio de comunicação com o público interessado nas letras. Coimbra, como centro universitário, apesar das suas publicações académicas (para consagrados) não possui revista nem jornal em que possa revelar-se o valor dos estudantes.

E, em seguida, estabelecia esta norma de que, se rejeitava as escolas dominantes, não deixava de postular o princípio da subjectividade estética:

Defendemos a independência literária e aconselhamos os mais novos a beberem as águas do seu poço.

Porém, mais que a indicação de perspectivas estéticas precisas, a atitude dos jovens intelectuais manifestava-se como geração autónoma que proclamava o seu

aparecimento: «nasce hoje em Portugal uma nova geração, com novas directrizes e preocupações no campo da arte e da vida. A arte é um meio de servir a vida e não a vida um meio de servir a arte», lê-se em 16 de Abril de 1938.

Logo no primeiro número – que publica uma carta de João de Deus, um texto de Jorge Lima e poema de António de Sousa – aparecia colaboração de Fernando Namora (fragmento de *As sete Partidas do Mundo*, além de ilustrações cuja concepção moderna não deixam de lembrar a expressão estética de Munch ou a chamada «fase negra», então desconhecida do artista Manuel Filipe), Políbio Gomes dos Santos, António Ramos de Almeida (crítica a livros de João José Cochofel e Almada Negreiros) e Joaquim Namorado (crítica a um livro de A. Ramos de Almeida).



Ilustração de Fernando Namora

Nestas páginas são publicados também poemas do ciclo *Viagem ao País dos Nefelibatas* de Joaquim Namorado, sob o pseudónimo de Álvaro Bandeira, e um ensaio de Manuel Filipe, primeiro de uma série incompleta, no qual se tematiza a relação necessária, que novos tempos deveriam trazer, entre o papel individual e colectivo no terreno da arte:

[...] *construir com um tal plano de conjunto que o homem se reconheça sempre na sua grandiosa função humana e social, dentro das suas progressivas possibilidades – em contacto permanente com os homens e as ideias do seu tempo e dentro do peito o inapagável desejo de ir sempre mais além sem se desumanizar.*

Colaboradores: António de Sousa (n.º 1, 5); Políbio Gomes dos Santos (n.º 1); António Ramos de Almeida (n.º 1, 3, 6); Joaquim Namorado (J. N. e pseud.: Álvaro Bandeira, n.º 1, 3); Fernando Namora (n.º 1, 4); José Marmelo e Silva (n.º 2); Paulo Crato (n.º 2); João José Cochofel (n.º 4, 6); Manuel Filipe (n.º 5).



CRÓNICA
Mensal das artes, ciências, literatura e crítica

Figueira da Foz 1938
 in *Jornal da Figueira*

Conhecida que é a participação de Luís Albuquerque na promoção da iniciativa, esta página literária, organizada por Jorge Mesquita e Vítor Veres, editou apenas dois números, em Abril e Maio de 1938.

Não tanto nos mais extensos textos publicados quanto nas breves nótulas anónimas ou subscritas com iniciais, por vezes de difícil decifração, encontramos a filiação da *Crónica* na nova atitude cultural que já então adquirira nitidez: na secção publicada a 21 de Maio, uma coluna de crítica assinada pelas iniciais A. R. A. (António Ramos de Almeida) que constitui uma divulgação das primeiras obras já publicadas por alguns escritores da jovem geração coimbrã.

Colaboração, entre outros: Vítor Marques [n.º 1]; Fernandes Martins [1-2]; António Ramos de Almeida [2], Álvaro Feijó [2] e Fernando Namora [2].



MOVIMENTO
Arte, crítica, poesia, literatura

Lisboa 1938

Dirigida por Carlos Melo Moreira, a tentativa de uma revista cultural gorou-se logo ao primeiro número (15 Maio de 1938), na altura em que o aparecimento de novos periódicos literários se afigurava tarefa difícil. Constituiu, pois, mais uma das tribunas em que participaram Alexandre Cabral e Fernando Augusto, de entre as inúmeras iniciativas a que se associaram, sem tempo para evidenciar o seu amadurecimento.



ENSAIOS
Secção literária

Vila do Conde 1938-1939

in *Renovação: pela Terra - pelo Estado Novo*

Dirigida por Ramiro da Silva Martins com a colaboração de J. Alves da Costa e Apolinário José – que a si mesmo se apresentavam como «Os da “Secção Literária”» –, esta página começara a publicar-se em 1937 com exclusiva revelação de figuras vilacondenses. Tornando-se um exemplo extremo no «método» de penetração dos jovens neo-realistas nas mais variadas publicações, esta página (inclusa num periódico defensor do salazarismo) transformou-se lentamente, a partir de 21 de Maio de 1938, com a publicação de um conto (mais uma crónica, ainda incipiente quanto ao que haveria de escrever depois) de Fernando Namora.

Esta secção literária ainda por algum tempo estaria a cargo de colaboradores locais, alterando a sua feição à medida que divulgava, nomeadamente, a nova *Literatura Brasileira* (com que designou o espaço), procedendo ainda a antologia de trechos retirados da

revista transatlântica *Esfera*. O primeiro autor abordado, Jorge Amado, era aí considerado «certamente a personalidade mais vigorosa e original do romance brasileiro contemporâneo» (19 Nov. 1938) no qual destaca:

Todas as suas descrições estão impregnadas duma poesia que dá às obras de Jorge Amado um carácter épico, mas incidindo sobre os aspectos obscuros, as pequenas coisas, as vibrações das vidas simples e perdidas nas massas do povo.

No último número, em 20 de Maio de 1939, surge sob a assinatura de Telmo Cruz (que parece pseudónimo) um importante artigo sobre *Juventude e cultura* em que a «atitude de inconformismo» da mocidade como «permanente factor de progresso humano» é posta em manifesto:

A verdadeira cultura traduz uma orientação de espírito, a revelar-se numa activa atitude de crítica e esforço do indivíduo como estímulo do progresso e readaptação dos factores mentais das sociedades às bases materiais que as condicionam.

De imediato, o jornal é suspenso para surgir uns meses depois expressamente como órgão da Legião Portuguesa.

Entre os colaboradores, sobretudo: Fernando Namora (28 Mai., 6 Ag. 38); Fausto Ribas (i. e. Armando Bacelar, 19 Nov. 38, 7 Jan. 39); João Rúben (14 Fev., 25 Fev., 15 Abr., 29 Abr. 39); André Valmar (20 Mai. 39); Telmo Cruz (20 Mai. 39).



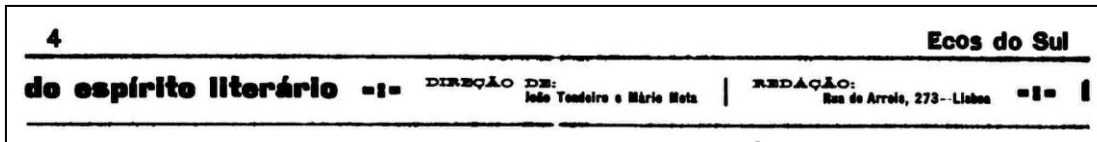
SECÇÃO LITERÁRIA

Anadia 1938-1939

In *A Ideia livre*, semanário republicano e defensor dos interesses da Bairrada

Com a perda progressiva de interesse literário no conjunto de uma antecedente **Página da Gente Moça** no mesmo título principal, Armando Bacelar parece ter pretendido no seio deste criar uma alternativa (mas, afinal, com mais limitado interesse e evidente falta

de atitude sistemática num projecto cultural). Apesar de um período extenso, entre 28 de Maio de 1938 e 7 de Dezembro 1939, aí apareceram insertas, sem qualquer regularidade, colaborações suas (*id.* com pseud. de Carlos Relvas), de Victor Sá e Seabra Dinis.



DO ESPÍRITO LITERÁRIO

Vila Real de Stº António 1938-1939
in *Ecos do Sul*, quinzenário regionalista e noticioso

Representou uma das principais e mais bem sucedidas iniciativas sucedâneas da denominada «tertúlia autodidacta» que, através de Fernando Augusto, Mário Mota e Alexandre Cabral, preparou terreno no título principal em que se inseriu. Sob a direcção de João Tendeiro e Mário Mota, com sede redactorial em Lisboa, na Rua de Arroios, publicou entre o n.º 1 (12 Jun. 1938) e o n.º 18 (1 Dez. 1939). Desde cedo, com a convicção da «acção importante que as *páginas literárias* podem desempenhar junto do povo», procurou este suplemento cumprir o papel central de divulgação de criações literárias, com o objectivo de «levar cultura e humanidade à multidão», proposto ainda pelo editorial de lançamento.

Reincidindo, de imediato, a *Atitude* mais uma vez subscrita pelos directores da página sublinhava:

Não constituímos um bloco. A nossa acção é independente de qualquer escola ou facção literárias. Para avançarmos não nos apoiamos em nomes de cartaz, não nos acolhemos sob os raios de qualquer grande figura actual.

Constituindo afinal esta uma posição, souberam os responsáveis pela *página* situar-se num campo preciso da problemática central das reflexões estéticas da época, como

resumiu um curto ensaio de Fernando Augusto (n.º 13): «Ora nós, os novos, se seguirmos a *Arte pela Arte*, deixamos à posteridade a triste ideia de não sabermos viver a nossa época».

De entre a profusão de colaborações ilustres, entre outras: Lobão Vital (n.º 6); Manuel da Fonseca (n.º 8, 12); Afonso de Castro Senda (n.º 10, 16); Vicente Campinas (n.º 10); Mário Dionísio (n.º 11) Maria Selma (i. e. Virgínia de Moura, n.º 11); Armando Bacelar (aliás, com pseud.: Carlos Relvas, n.º 14, 17); João Rúben (n.º 15); Armando Ventura Ferreira (n.º 16) e Amorim de Carvalho (n.º 18).



SUPLEMENTO DE CULTURA
Arte, ciência, literatura e crítica

Évora 1938-1939

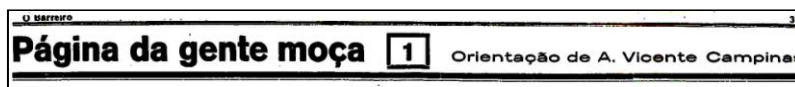
in *Democracia do Sul*, diário republicano

Co-dirigido por Vítor Santos, Almeida e Silva e Moura Vitória, a página assegurou notável regularidade, do n.º 1 (2 Out. 1938) ao n.º [37] (23 Jul. 1939), cumprindo a publicação dominical com que se apresentou. Embora tenha sido anunciada a participação de Álvaro Salema e Mário Dionísio, numa longa lista de 62 colaboradores expressamente nomeados logo no fascículo de abertura, o suplemento não foi além de alguns artigos de João Rúben (n.º 10), Maria Selma (i. e. Virgínia de Moura, n.º 18) e Amorim de Carvalho (n.º 31) transcrito de *O Diabo*, entre os nomes mais assíduos de jovens participantes em outras publicações. De um modo geral, contou com o concurso dos próprios directores que, tendo fundado alguns títulos de índole escolar em meados da década, apenas voltariam a público nesta iniciativa de província.

Propondo-se acolher «toda a colaboração de velhos e novos», o *programa* inicialmente traçado definia esta página em termos juvenis como «meio de mostrarem ou ensaiarem as suas possibilidades literárias». Pouco mais passou de um panorama antológico ou biográfico de figuras clássicas da cultura portuguesa e estrangeira e, a espaços, de uma

divulgação de figuras *seareiras*, numa apropriação muito generalista de valores culturais tradicionais para que tenderam os seus responsáveis.

Surge, pois, fora de contexto um artigo sobre *A missão social da arte* (n.º 21, 12 Mar. 1939), assinado por Santana Mendes e dirigido aos «rapazes da minha geração»; para eles, com a leitura de Plekanov explicitamente exemplar, aponta o caminho fora da «arte pela arte». Quando «não há falta de assunto, os temas não se esgotaram, a vida não deixa de oferecer cada dia, a cada instante, novas facetas, novos motivos de interesse» que carregam «o momento que passa», é aos novos que, «confundidos com a multidão desconhecida e desprezada», compete escrever «a história desta época, confusa e agitada, o poema magnífico do esforço juvenil».



PÁGINA DA GENTE MOÇA

Barreiro 1938-1939

in *O Barreiro, semanário regionalista*

Foi dirigida esta página por A. Vicente Campinas, publicando entre o n.º 1 (27 Out. 1938) e o n.º 15 (3 Ag. 1939), e a sua redacção estava expressamente estabelecida na R. Cândido dos Reis, em Vila Real de St.º António. Incluiu colaboração de índole literária, sobretudo poética, cumprindo o papel traçado na abertura da coluna editorial de *instantâneos* ao primeiro número: «Esta página terá, a partir de um dos seus próximos números, a colaboração de alguns novos de valor, que têm conquistado, mercê das suas qualidades apreciáveis, um justo lugar de destaque na imprensa».

Numa altura em que havia já estalado o mote geral da cultura, esta página não deixou de colocar-se sob «o desejo de bem servir a causa da cultura em geral»: «Interessa-nos, principalmente, entrar em contacto com a gente modesta com os humildes.» Para tanto, a afirmação banalizada:

Não faremos «arte pela arte». Isso seria um trabalho vão, que não aproveitaria a ninguém. [...] O nosso trabalho, portanto, convergirá para a «arte pela humanidade».

O próprio orientador da página, retirando-se quase só para o anonimato dos referidos *instantâneos*, deu latitude à colaboração de um amplo leque de jovens estreantes que, na sua maioria, não tinham ainda assegurado um lugar assíduo ou de relevo nas publicações de mais larga circulação a que em breve alguns haveriam de aceder.

Principais colaboradores: Vicente Campinas (n.º 1, 15); João Braz (n.º 1, 6); Alexandre Cabral (n.º 3, 6, 9); Rodrigues da Costa (n.º 6, 7, 10); Gentil Marques (n.º 4); João Tendeiro (n.º 7); Lobão Vital (n.º 8); Aníbal Madeira (n.º 8); Mesquita Júnior (n.º 10); Mário Mota (n.º 12).



DA ÚLTIMA GERAÇÃO

Évora 1939

in Revista Transtagana, publicação mensal de natureza cultural, literária e recreativa

Dirigida por Fernando Augusto, teve a sua redacção localizada em Lisboa, inicialmente na R. Dos Salgueiros e, a partir do n.º 5, na R. da Bica Duarte Belo. Desde logo manifestou a sua *Orientação* ideológica de fundo «sob o estandarte de *A Arte ao Serviço da Humanidade*», publicando sete números entre Janeiro e Novembro de 1939, embora a colaboração dos principais elementos se tivesse mantido, já com menos regularidade e mesmo extinta a página, até Setembro de 1940.

Participaram sobretudo: Francisco Ventura (n.º 1); Sidónio Muralha (n.º 1); João Tendeiro (n.º 1, 4, 5, 7); Mário Mota (n.º 1, 5, 7); Z. Larbak (i. e. Alexandre Cabral (n.º 1-4); A. Vicente Campinas (n.º 2); Fernando Augusto (n.º 2-6); Leonel Neves (n.º 3, 6); Amorim de Carvalho (n.º 7).



COMÉRCIO DOS NOVOS

Póvoa do Varzim 1939

in *O Comércio da Póvoa de Varzim, jornal republicano e defensor dos interesses locais*

Página literária fundada e dirigida por Armando Bacelar, já no período descendente da influência das publicações congéneres, entre o n.º 1 (14 Jan.) e n.º [15] (21 Set.), em 1939. Teve colaboração do seu director em quase todos os números, além de João Rúben (n.º 3) e Álvaro Feijó [n.º 8], [n.º 9].



SÍNTESE
Revista mensal de cultura

Coimbra 1939-1941

Sob a direcção de João Ramiro e tendo por editor José Saramago ¹, começou a publicar em Fevereiro de 1939 como órgão de vulgarização de saberes, tendo acrescentado o subtítulo em Novembro de 1940 para *Revista mensal de cultura científica, literária, artística*, para se quedar no n.º 14-15 em Dezembro de 1941. Teve por eixo uma actualização da cultura ao «pensamento actual» ou, como reafirmou (depois de alguns meses de suspensão) o editorial do n.º 4:

Só pela integração do indivíduo na cultura da sua época ele se torna verdadeiramente Homem. E a cultura da nossa época, tão vasta e tão complexa, é profundamente humana.

¹ Não se trata do homónimo e recente Prémio Nobel da Literatura.

Nos n.ºs 6 e 7 são publicados os célebres trechos assinados por José Vasco Salinas sobre *Os fundamentos do racionalismo concreto. I Bases do método dialéctico e II Bases de concepção realista*, afinal tradução de José Staline, conforme A. P. Pita que desenvolveu uma análise detalhada a esta publicação.

Colaboração principal assinada por Ramiro da Fonseca e Abel Salazar (em quase todos); Joaquim Namorado (n.º 1); Antero Sobral (2); Mário Mota (3); José Neiva (3, 8); Raul Sequeira (5, 6, 11-12, 13); Jofre Amaral Nogueira (8, 9, 10, 11-12); Luís Albuquerque (13, 14-15); Vitorino Magalhães Godinho (13)



PÁGINA DOS JOVENS

Sintra 1939

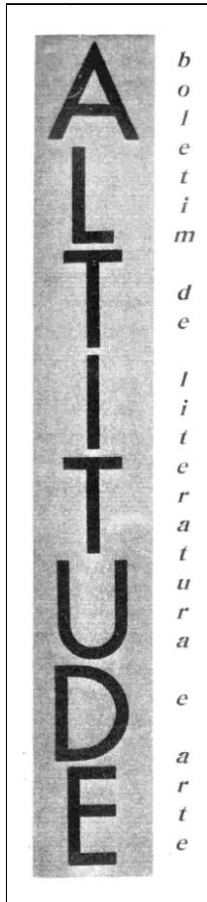
in *Ecos de Sintra*

Esta *Página*, dirigida por João Ruben e Natya (pseudónimo de uma «jovem lira» do Porto, desde os tempos do suplemento *Trapézio* inserido na revista *Pensamento*), procurou assegurar uma edição mensal, numerando expressamente de 1 (no n.º 177 do título principal, 25 Fev.) a 4 (n.º 190, 10 Jun.) em 1939. Contou essencialmente com colaboração do seu orientador, que incluiu um artigo da maior relevância assinado por Carlos Relvas (ou Armando Bacelar, n.º 4).

Teve ainda um epílogo no n.º 196 (2 Ag. 1939) do título principal, com a denominação de *Ecos dos jovens*, em meia página destacável que incluiu também, na outra metade, uns *Ecos da Mulher* sob direcção de Alsácia Fontes Machado, já abundante colaboradora no jornal sintrense entre outros em que assinava com o pseudónimo de Hanid Estela.

ALTITUDE
Boletim de literatura e arte

Coimbra 1939



Sob a direcção de Coriolano Ferreira, Fernando Namora, João José Cochofel e Joaquim Namorado, publicou apenas dois números, de Fevereiro a Abril de 1939. Não pode considerar-se, ainda que assim seja habitualmente referida, uma publicação decisiva no contexto da evolução dos *movimentos culturais juvenis* dos *anos trinta*, já que não pode perder-se de vista que este *boletim* não assegurou o intento, manifestado pela jovem geração coimbrã, de um órgão de literatura e arte que, de forma duradoura, correspondesse à sua maturidade e vitalidade intelectual. Sabe-se, aliás, que as expectativas estiveram longe da tiragem efectuada.

Não é difícil, porém, ver-se aqui uma continuação dos malogrados *Cadernos da Juventude*, de que *Altitude* pode considerar-se um voo mais alto: atenta-se desde logo na qualidade gráfica (a que não faltam subtilezas plásticas e de linguagem geral), para além do conjunto diversificado e compósito de abordagens estéticas e críticas. Deve, neste sentido, destacar-se o longo poema *Não*, de Mário de Dionísio, além de outros de Cochofel, Namora, Santos Abranches, Manuel da Fonseca e Carlos de Oliveira, mas também um artigo sobre cinema de Manuel de Azevedo, além de um curto ensaio de José Neiva sobre *A filosofia do Romantismo. I: Schopenhauer*.

Neste último artigo, Neiva procura evidenciar no filósofo alemão a procura de «solução para o enigma do mundo e do destino humano» através da categoria «vontade» que, «mais demoníaca que divina» (porquanto cristaliza um «mundo atormentado pela luta e pelo sofrimento»), resulta numa tomada de «consciência de si própria no homem de

génio». É assim que este «compreende a infelicidade da vida humana, ao mesmo tempo que entrevê uma espécie de libertação desta vida limitada e miserável.» O homem de génio é o artista. E é ele que funde «a *arte* e a *morab*» e, como parecia então razoável tomar ao artista romântico como paradigma moderno:

O artista empresta-nos os seus olhos para apercebermos o mundo.

Não havendo notícia sobre de eventual suspensão da revista por parte da censura, é de admitir que a interrupção da sua publicação se tenha devido à prioridade que passara a constituir a viabilização definitiva de *Sol Nascente*, que então fixou a sua redacção em Coimbra e concentrou os esforços locais para a sua viabilização.

Aliás, neste momento de transição para a afirmação literária da jovem geração, *Altitude* procurou constituir-se como linha editorial, anunciando a próxima publicação de um livro de poemas António Ramos de Almeida, *Metrópole*, na realidade editado sob a chancela de «Sol Nascente» com o título de *Sinfonia de Guerra*.

Colaborações: Joaquim Namorado (n.º 1); Manuel da Fonseca (1); Carlos de Oliveira (1); Afonso Ribeiro (1); Coriolano Ferreira (1); João José Cochofel (1); Fernando Namora (ainda com o pseud. Mariana Campos, 1-2); António Ramos de Almeida (1-2); Manuel de Azevedo (1); José Neiva (2); André Valmar (2); Mário Dionísio (2).



PÁGINA DA GENTE MOÇA

Esposende 1939

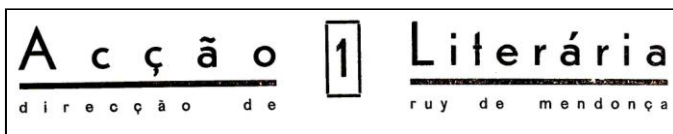
in *O Cávado*, semanário republicano e regionalista

Com cinco números apenas, entre 19 de Fevereiro e 18 de Junho de 1939, a página literária saiu sob direcção «conjunta» de Sérgio de Moraes e Vinha dos Santos (afinal, respectivamente, pseudónimo e nome civil de um jovem escritor, pouco depois

malogrado, que já desde 1936 colaborava regularmente no semanário), com redacção sita em Portimão.

Razão de ser... evocada no número fundador: «de maneira alguma, uma página literária», mas uma tribuna genérica de cultura orientada para «despertar no público leitor umas necessidades de aperfeiçoamento e de autocultura que não tem».

Sendo essencialmente uma iniciativa de revelação literária, teve entre por principais colaboradores, além do próprio director em todos os números: João Rúben (n.º 1-5); Carlos Relvas (i. e. Armando Bacelar, n.º 2); Afonso de Castro Senda (n.º 2); Fernando Araújo Lima (n.º 5).



ACÇÃO LITERÁRIA

Ponte de Sôr 1939

in Mocidade, publicação quinzenal

O título principal que, entretanto, passara a subintitular-se *quinzenário de acção literária e regional, informação e publicidade*, era dirigido pelo jovem Garibaldi de Andrade desde 1937, em substituição do pai, que o fundara. Entre 26 de Fevereiro e 19 de Novembro de 1939, foram aí publicados quinze números desta página literária sob a direcção de Ruy Mendonça, na qual colaboraram figuras marcantes da jovem geração neo-realista.

A partir de 1940, todavia, a presença de «os novos» ultrapassou os limites diferenciados da *página* que, entretanto, se extinguiu e alargou-se ao corpo do jornal – sinal de que a «novíssima geração» teria adquirido predomínio nas actividades da redacção do jornal. O debate entre «novos» e «velhos» ganha a sua verdadeira dimensão: «não é uma questão de idade – é um conflito de ideias» (Mário Fernando, *Novos e velhos*, 10 Fev. 1940). Os livros e as revistas recentes eram analisados; as polémicas literárias mais sonoras da época (Álvaro Cunhal/José Régio, A. Ramos de Almeida/Gaspar Simões, J. Amaral Nogueira/António Sérgio, etc.) foram divulgadas a partir de fundamentos ideológicos

que a redacção do jornal se encarregava de precisar, como pode ler-se neste passo de inesperada clareza:

[...] a luta de classes deu origem a uma nova cultura, fundamental e estruturalmente humana que vai de encontro às aspirações das classes trabalhadoras. E o intelectual-novo, integrado nas necessidades do Homem-contemporâneo pretende contribuir para a emancipação do trabalhador.

A pormenorização de todos estes aspectos recebeu uma configuração sistemática no inquérito «Depõe gente moça», iniciado em 14 de Abril de 1940; até 24 de Novembro, responderam Mário Fernando, Afonso de Castro Senda, Álvaro Feijó (creio que terá sido o seu último testemunho público), André Valmar, Sérgio de Moraes, Rodrigo Soares, Alsácia Fontes Machado, Rui Monteiro, Raul Castro, Carlos Serra, Américo Paiva, Célia Abreu, João Rúben, Daniel e Manuel de Azevedo (podendo corresponder alguns dos inquiridos a figuras juvenis sem relevo literário, porém com interesses culturais na roda local, tendo em conta a dinamização que se prolongou em torno deste título).

Entre os mais relevantes colaboradores da Acção literária: Armando Ventura Ferreira (n.º 5); João Rúben (n.º 9, 10, 12, 13, 15); Fernando Namora (9); Lobão Vital (12); João Tendeiro (6), Artur Tojal (7,10); Afonso de Castro Senda (9). Já extinta a página literária, a estes vieram ainda a associar-se, entre outros: João Pedro de Andrade, Manuel da Fonseca, Arquimedes da Silva Santos, Augusto dos Santos Abranches, Garcez da Silva, Maria Selma, Victor de Sá.



MOVIMENTO
Quinzenário da geração universitária

Lisboa 1939

O jornal foi lançado a 13 de Março de 1939 sob a direcção de Gentil Marques, cuja demissão é noticiada no segundo e último número, de 24 de Julho seguinte. Em uma

Nótula à cultura no número inicial, o autor dá uma perspectiva da posição cultural assumida pela linha editorial da revista: «O actual problema da cultura reduz-se mesmo ao discutido problema da socialização da ciência». Nota-se porém, na generalidade do seu conteúdo literário, uma atitude de algum modo intelectualizada que a falta de sequência da publicação não permitiu clarificar.

Entre os principais colaboradores, apenas se refere Leão Penedo (n.º 1) que parece desamparar a redacção com o abandono de Gentil Marques, ambos parceiros de lides literárias na época.



MENSAGEM

Lagos 1939

in *Jornal de Lagos, semanário de informação e propaganda regionalista*

Dirigida em conjunto por Leonel Neves, Joaquim Carvalho e Renato Xavier a partir de uma redacção sita na R. Tomás da Anunciação, em Lisboa, a página foi lançada em 22 de Abril de 1939. Reivindicou a sua posição nos *movimentos culturais juvenis*, ao afirmar o seu «carácter formativo, como outras páginas que ultimamente têm aparecido nos jornais da província», mas não passou do segundo número, a 20 de Maio.

Numa *Pequena consideração sobre a interioridade do poeta*, Fernando Augusto, jovem discípulo do modernismo presencista que, em outros periódicos da época, acusava o influxo do contexto histórico, não via aqui «motivo justificado que leve qualquer artista a abster-se da sua própria personalidade para embrenhar por caminhos sem proveito do humano e, muito menos ainda, da sua actividade criadora.» Para em seguida precisar esta necessidade de interacção como condição de renovação da própria poesia:

Parece-me absolutamente necessário que o poeta encarne em si todos os dramas do homem. [...] Não sendo assim, o poeta deixará de existir como eixo onde se movem todos os princípios de renovação e tornar-se-á um produtor de poesia sem nexos, desarticulada,

imóvel, sem finalidade, quando toda a criação artística submetida a uma sincera interioridade tem o seu fim criador.

Como principais colaboradores, registam-se Fernando Augusto (n.º 1); Julião Quintinha (n.º 2) e Mário Mota (n.º 2).



PÁGINA LITERÁRIA

Vila Franca de Xira 1939

in *Mensagem do Ribatejo*, semanário regionalista

No auge da actividade do chamado «grupo neo-realista de Vila Franca», esta página surge quando todos os seus membros são já regulares colaboradores em outros títulos, em particular junto de *O Diabo*, publicando apenas quatro números entre 14 de Maio e 10 de Setembro de 1939. A orientação foi explicitada no editorial de *Abertura*, assinado por Alves Redol, num quadro de reforçada afirmação da jovem geração, aberta à heterogeneidade:

Esta página, hoje aqui iniciada, pretende ser um veículo de revelação de valores novos. Neste ponto encontrarão abrigo todas as naus que venham lançar-se à conquista de caminhos inéditos entre nós – rota começada já, mas ainda por concluir.

Não deixa de marcar os horizontes estético-ideológicos básicos: «Aqui é porto franco! Mas que todos tragam na carta de bordo este objectivo de viagem – atingir a vida para servir todos os homens.»

As principais colaborações partem de Alves Redol (n.º 1, 4); Arquimedes da Silva Santos (n.º 1, 2); Garcez da Silva (n.º 1, 2, 4); Rodrigues Faria (n.º 3) e Dias Lourenço (n.º 3).



LUME NOVO
Página quinzenal da gente moça

Viana do Castelo 1939

in *Aurora do Lima*, bi-semanário independente

Publicada sob a direcção de Alfredo Reguengo, a própria qualidade gráfica e de paginação marcaria bem uma iniciativa de vanguarda. No editorial de lançamento (11 Ag. 1939), insistiu em demarcar com a *posição* ideológica desta *página moça* em relação a uma outra iniciativa adolescente que havia sido anteriormente inserida no mesmo jornal: «não é – positivamente – a ressurreição da velha *página*. Pretende ser mais alguma coisa – em latitude e em profundidade.» Acabou por não obter grande latitude, sobrevivendo até um n.º 5 (6 Out. 1939), altura em que, sobretudo nas localidades a norte do país, eram já conhecidas as actividades da jovem geração.

Em profundidade, desde logo insistiu em se afastar *Da inutilidade da literatura*, conforme artigo de Sérgio de Moraes em que acusava de «superficial» aquele «que avalia a obra de literária pelo que ela tem de formal, exterior, técnico», considerando-os não «ser mais do que meros instrumentos de recreio.» Mais longe em carrear uma cultura política, num artigo sobre *Certos intelectuais e a vida* (n.º 3, 8 Set.), João Rúben chega mesmo à afirmação:

A actividade do artista na política interessa como a dos outros homens, porque concorre para um todo, e esse todo é a expressão da humanidade.

O desprezo para com os cultores da arte pela arte atingiu ainda o limite em artigo assinado por José Correia sobre *A arte e a seita* (n.º 4, 22 Set.).

Esta página, que procurou revelar jovens valores, contou entre os principais colaboradores: Alfredo Reguengo (n.º 1-5); João Rúben (Cupertino de Miranda, 1, 3); Julião Ricardo (1, 2); Sérgio de Moraes (ou Vinha dos Santos; 1, 2, 4); Lobão Vital (2); Álvaro Feijó (2, 5); André Valmar (José Castro, 3); Mário Fernando (3, 5); José Correia (4); João Tendeiro (5).



TEMAS CULTURAIS

Viseu 1939-1940

in *O Trabalho*, semanário republicano

Um dos mais persistentes colaboradores no jornal viseense, João Tendeiro veio a dirigir e quase inteiramente a redigir esta secção ou suplemento ao longo de 23 números, entre 24 de Agosto de 1939 e 14 de Novembro de 1940, a página não passou de uma divulgação de anónimos valores literários, versando sobretudo temas de incidência sócio-cultural, como o analfabetismo, o papel da ciência, a cultura nos meios rurais, bibliotecas populares e assuntos científicos diversos que, desde «O mecanismo de contracção cardíaca» à «Evolução das espécies», apontam para um «enciclopedismo» sistematizado na década seguinte.

Porém, o destaque deste suplemento vai para a abordagem daquilo a que o próprio redactor chamou a «cultura em geral», ensaiando e compilando, procurando mesmo fundir ou colocar em acordo, sem resolução, diversas noções de cultura ao longo dos três primeiros números. Na realidade, a noção de cultura ocupava então, junto da jovem geração, um lugar central. Aliás, suspendendo por alguns meses este suplemento, seguiram-se semanas de respostas a um extenso inquérito sobre Cultura Popular em que participou um número apreciável de jovens intelectuais.

Registe-se colaboração de André Valmar (n.º 10), para além de João Tendeiro em toda a publicação.



Cultura, literatura, crítica

Ílhavo 1939-1940

in *Jornal de Ílhavo*, semanário literário e noticioso

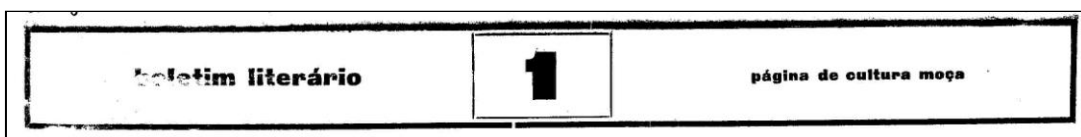
Com um aparecimento mensal, publicou doze números, entre 24 de Dezembro de 1939 e 1 de Dezembro de 1940 e, muito provavelmente (segundo compreensão do seu contexto interno), a página literária terá sido coordenada por Mário Sacramento, pelo menos no momento inicial em que se afirmou, aliás, como «página do Pensamento Jovem», à maneira de *Sol Nascente*, e no seu programa destacava:

Defenderemos uma cultura ligada à vida, nascida da vida e actuando sobre ela, modificadora.

Defenderemos uma arte humana e viva.

Subjectivismo, arte pela arte, arte habilidade e passatempo, metafísica, separação da cultura e da vida, ficarão para os diletantes.

Elevado número de colaboradores: Mário Sacramento (n.º 1, 2); Mário Gomes (n.º 1, 2); Rodrigues Monteiro (n.º 1, 2, 6, 9, 10); André Valmar (n.º 2); Manuel de Azevedo (incl. desenhos, n.º 3, 11); Rodrigues Faria (n.º 4, 10); Raul Castro (n.º 5, 7, 9); Garcez da Silva (n.º 12); Joaquim Namorado (n.º 12).



BOLETIM LITERÁRIO
Página de cultura moça

Figueiró dos Vinhos 1940

in *A Regeneração*, semanário defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Já na ponta terminal dos *movimentos culturais juvenis* e entre as raras páginas criadas tardiamente, publicou dezoito números entre 3 de Fevereiro e 7 de Dezembro de 1940,

sob a direcção de João Tendeiro. Manteve uma atitude ideológica esclarecida desde o início, embora numa procura constante de divulgação de revelações literárias.

A *Atitude* que definiu a orientação da página consistia em ser «nitidamente instrutiva e útil» como «meio de comunicação de cultura a todas as camadas dos nossos leitores [...] até aos que desconhecem mesmo o que seja literatura.» Para todos deixou clara a posição em que se encontrava no panorama da literatura contemporânea: «a torre de marfim dos esteticistas que revolucionaram as letras desde há umas duas décadas não pode existir senão num homem desumanizado ou num indivíduo em que os atributos de humanidade foram substituídos pelo mito insustentável do Super-Homem nietszchiano.»

Pleno de verdade, um artigo de João Rúben *Sobre a nova literatura* confessava: «Quase todos têm-se limitado a escrever artigos de jornal de combate a vícios de pensamento e a certas manifestações políticas e sociais.»

Contando com vastíssima colaboração que poderá apontar para a multiplicação de pseudónimos, nomeiam-se os principais autores: André Valmar (n.º 1, 2); João Rúben (n.º 3, 7, 11, 15) Fernando Augusto (n.º 3, 7); Álvaro Ramos (n.º 3, 5, 7, 10, 13); João Campos (n.º 4, 6); Mário Fernando (n.º 6, 8); Armando Ventura Ferreira (n.º 8); Maria Selma (i. e. Virgínia de Moura, n.º 11, 14); Raul Castro (n.º 11, 12); Arquimedes da Silva Santos (n.º 18); Mário Mota (n.º 18).



PENSAMENTO

Revista mensal de divulgação social e científica, arte e literatura

Porto 1940

Fundada em 1930 como órgão do Instituto de Cultura Socialista, manteve como característico um legado anterior ao longo de toda essa década, sobretudo na defesa de um cooperativismo e de um mutualismo desenvolvidos no campo republicano-

socialista, de aparentada feição *seareira*. A última fase da revista corresponde ao predomínio de uma falange de escritores neo-realistas tanto no conjunto de colaborações como na sua redacção efectiva, a partir do n.º 139 (1 Abril) de 1939, que abre o décimo e último ano de publicação, e até o n.º 156 (15 Dezembro) de 1940, sem pôr em causa a chefia redactorial de César Nogueira, para quem o resultado de tal mudança «está compensado pelos progressos que tem obtido *Pensamento*».

Sem atingir o nível de sistemática abordagem de temas ou de variedade poética e ficcional nas colaborações, *Pensamento* assumiu então equivalência a *O Diabo*, de Lisboa, e *Sol Nascente*, já fixado em Coimbra. Aqui, também, as marcas deixadas pela pena dos jovens escritores foram graduais até afirmar uma preponderância de perspectivas que o fascículo de viragem patenteou num artigo de abertura, da autoria de António Ramos de Almeida, composto de *Breves notas sobre o novo humanismo*, nas quais a crítica ao humanismo burguês começava onde justamente haviam terminado as promessas revolucionárias do liberalismo nascente. Assim, vencida a «dignidade de berço» e «as prerrogativas de sangue» – nas coordenadas históricas «do mundo industrial e da produção mecânica», o sonho individualista atingiu os limites: «já «não se herdavam títulos nobiliárquicos mas títulos de bancos; o poder não emana de Deus, mas dos magnates». E, portanto,

A actividade individual pode ser heróica, mas é estéril quando se não integra na actividade colectiva.

Não deixava, ainda assim, de pôr a salvo de possíveis dogmatismos:

Mas a acção de cada um isoladamente interessa superiormente. A honestidade individual interessa à expansão, à segurança e ao êxito da actividade colectiva. Cada um deve ser o tipo concreto do que sente, deseja e pensa.

Este *Novo Humanismo*, para lá de uma perspectiva sobre as possibilidades de acção e de criação do homem, definia-se como concepção geral do mundo: contra o *humanismo formal* (ver artigo de Bruno de Moraes, pseud. de Vinha dos Santos, no n.º 148, 15 Ag. 1940), um texto assinado com o pseudónimo Carlos Relvas (Armando Bacelar, n.º 136, 15 Fev. 1940) rejeitou a noção abstracta de uma «razão humana universal» que, num contexto histórico de amplificação de massas e quando «um número cada vez maior de desapossados vai ficando inactivo e depauperado ao lado do fortalecimento das *élites* cada vez mais reduzidas», um tal racionalismo estava «em desacordo absoluto com as realidades práticas de vida». Por isso, convinha ao um racionalismo moderno, pautado por uma larga *praxis*, tomar e difundir uma «consciência da posição que tem no conflito da realidade».

Nesta fase da revista, o papel dos intelectuais foi amplamente sublinhado, nomeadamente em função de uma consciência da sua projecção no espaço público e do conteúdo moral do seu discurso, como foi liminarmente exposto em artigo de Armando Ventura Ferreira sobre *O intelectual e os acontecimentos* (n.º 138, 15 Mar. 1940):

O intelectual representa na sociedade um papel essencialmente espectacular; ele tem postos em si os olhos do público [...]. Quem lança a público ideias, cria com isso responsabilidades que são de natureza intelectual e moral.

Entre as principais colaborações, muitas das quais parecem corresponder a desdobramentos através de pseudónimos: Armando Bacelar (ou pseud.: Fausto Ribas e Carlos Relvas, n.º 86, 136, 138, 143-144, 146-150, 152-154, 156); Mando Martins (ou Armando Martins, n.º 90-91, 93, 95, 97); Afonso de Castro Senda (n.º 93, 95, 109, 120); Moura Vitória (n.º 95, 103); Fernando Augusto (n.º 96, 104, 107-108, 111, 125, 128); Z. Lerbak (Alexandre Cabral, n.º 97, 100, 102, 107-108, 112); Amorim de Carvalho (n.º 102, 106, 110-111, 112 bis, 113, 114-115 bis, 116, 117 bis, 118, 119-120 bis, 121-122, 123 bis, 124-125, 127, 129-130); João Tendeiro (n.º 106, 108-109, 112, 118, 121, 123, 127-129, 143, 150, 152, 155); A. Vicente Campinas (n.º 124); Mário Rodrigues Faria (n.º 136); António Ramos de Almeida (n.º 139, 146-147); Alice Guimarães (n.º 145-149, 152); Mário Sacramento (n.º 144); Eduardo Reis (n.º 137, 143-146, 150-152, 153 bis); Valdemar Cardoso (n.º 138, 140, 144-145); Augusto Brandão (n.º 137, 139-141, 144 bis, 145-148, 150, 152); Fernando Novais (n.º 141, 143, 146, 148, 151-153); João Pedro de Andrade (n.º 143); Álvaro Feijó (n.º 140, 148); Sérgio de Moraes (Vinha dos Santos, n.º 138, 145); Armando Ventura Ferreira (n.º 138, 145, 148); André Valmar (n.º 136, 138, 141, 145, 147, 151-152); João Rúben (n.º 125, 135-137, 139-140, 141 bis, 149, 155); Eugénio Bastos Freire (n.º 144-156); Orlando Naves (n.º 146, 156); Manuel da Fonseca (n.º

147); Bruno de Moraes (n.º 148-153, 155-156); Rui Monteiro (n.º 148-149); Manuel Filipe (n.º 149); Garcez da Silva (n.º 156).